



# HÉLADE

REVISTA ELETRÔNICA DE HISTÓRIA ANTIGA

VOLUME 2, NÚMERO ESPECIAL  
(2001)



## VOLUME 2, NÚMERO ESPECIAL (2001)

ANAIS DO GRUPO DE TRABALHO (GT) DE HISTÓRIA ANTIGA  
REALIZADO NO XXI SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH DE 23 A 25 DE JULHO DE 2001.  
COORD. GILVAN VENTURA DA SILVA (UFES)

## NOTA

Esta edição reproduz os artigos publicados na primeira série da **Revista Hélade**. Originalmente, a maioria dos artigos estava disponível no corpo do antigo site, em formato HTML. Como essa prática editorial caiu em desuso, iniciamos um movimento de reedição tanto para o resgate da memória do periódico quanto para sua adequação ao formato atualmente praticado. Observa-se, contudo, que os trabalhos foram reproduzidos sem qualquer intervenção em termos de conteúdo, permanecendo, desta forma, regidos pela norma ortográfica então vigente e pelas perspectivas dos autores à época da redação. Também mantivemos as informações pessoais inalteradas, a despeito de eventuais mudanças de titulação ou filiação institucional que possam ter ocorrido ao longo desses anos. O mesmo se aplica às informações relativas aos conselhos, indicados em cada edição tal como foram compostos à época.

Atenciosamente,  
*Os Editores*



Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade  
<http://www.historia.uff.br/nereida/>

#### **CONSELHO DIRETOR**

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima  
Adriene Baron Tacla  
Maria Regina Candido

#### **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Teresa Marques Gonçalves  
Ciro Flammarion Cardoso  
Haiganuch Sarian  
José Antonio Dabdab Trabulsi  
Maria Manuela Ramos Souza Silva  
Neyde Theml  
Norma Musco Mendes  
Roland Étienne

#### **CONSELHO CONSULTIVO**

André Leonardo Chevitarese  
Gabriele Cornelli  
Maria da Graça Schalcher  
Pedro Paulo Funari  
Sílvia Damasceno

# SUMÁRIO

## EDITORIAL

### EDITORIAL DO GT DE HISTÓRIA ANTIGA (6)

*Gilvan Ventura da Silva*

### HISTÓRIA ANTIGA E LIVRO DIDÁTICO

#### OS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA ANTIGA NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS (9)

*Ana Teresa Marques Gonçalves*

#### LER E ESCREVER: LIVROS DIDÁTICOS (14)

*Fábio Fav ersani*

#### SIMPLIFICAÇÕES E LIVRO DIDÁTICO: UM ESTUDO A PARTIR DOS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA ANTIGA (18)

*Gilvan Ventura da Silva*

#### A IMPORTÂNCIA DE UMA ABORDAGEM CRÍTICA DA HISTÓRIA ANTIGA NOS LIVROS ESCOLARES (23)

*Pedro Paulo Funari*

#### FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS EM HISTÓRIA ANTIGA NO BRASIL

#### LHIA E PPGHC: EQUIPE, INTEGRAÇÃO ENSINO-PESQUISA E INTERDISCIPLINARIDADE (28)

*Regina Maria da Cunha Bustamante*

#### ATIVIDADES DE FORMAÇÃO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM HISTÓRIA ANTIGA (34)

*Margarida Maria de Carvalho*

## A PRODUÇÃO INTELCTUAL EM HISTÓRIA ANTIGA NO BRASIL

### PROPOSTA DE BANCO DE DADOS EM HISTÓRIA ANTIGA (40)

*Fábio Duarte Joly*

### A HISTÓRIA ANTIGA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA NO BRASIL (42)

*Fábio Fav ersani*

### A HISTÓRIA ANTIGA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – USP (47)

*Maria Aparecida de Oliveira Silva*

### HISTÓRIA ANTIGA E INTERNET (49)

*Adriene Baron Tacla*

*Maria Regina Candido*

*Alexandre Carneiro Cerqueira Lima*

### AS CULTURAS GRECO-ROMANAS EM DISCUSSÃO: AS PESQUISAS EM ANTIGÜIDADE CLÁSSICA DA UNICAMP (53)

*Lourdes M.G.C. Feitosa*

*Renata Senna Garraffoni*



# EDITORIAL DO GT DE HISTÓRIA ANTIGA

*Gilvan Ventura da Silva*

Em julho de 2001, durante a realização do XXI Simpósio Nacional de História – *A História no Novo Milênio: entre o individual e o coletivo*, nas dependências da Universidade Federal Fluminense, reuniu-se pela primeira vez o Grupo de Trabalho em História Antiga da Associação Nacional de História (ANPUH). O GT é o resultado de um conjunto de iniciativas desenvolvidas por pesquisadores da área visando a estabelecer um novo e permanente fórum de discussões acadêmicas sobre a Antigüidade no Brasil. Integrando profissionais com distintos níveis de formação e contando com a participação de docentes vinculados a diversas universidades brasileiras, o GT de História Antiga possui, como principais metas, a criação de um circuito ágil de informações entre os pesquisadores no tocante às atividades de formação e pesquisa desenvolvidas no País; o fomento à criação de projetos interinstitucionais de pesquisa e a intervenção na qualidade do ensino de História Antiga, desde o Ensino Fundamental até os exames vestibulares. Dessa forma, acreditamos que o GT poderá contribuir de modo eficaz não apenas para o aprimoramento das reflexões críticas acerca da História Antiga como também para a sua difusão nos meios escolares e universitários.

Tendo em vista tais objetivos, o primeiro encontro do GT estruturou-se a partir de três eixos de discussão cujos trabalhos, publicados

na íntegra, ficam agora à disposição do público graças à pronta iniciativa dos editores desta revista em registrar aquilo que foi objeto de reflexão por parte dos membros do GT. O primeiro eixo de discussão, *História Antiga e Livro Didático*, coordenado pela prof<sup>a</sup> Ana Teresa M. Gonçalves, buscou apontar todos os problemas relativos à transmissão dos conteúdos da disciplina nas obras escolares, especialmente as destinadas ao Ensino Fundamental, como por exemplo os distintos interesses e expectativas envolvidos na produção dos livros didáticos, os equívocos e imprecisões cometidos pelos autores, resultado de um ensino superior na maioria das vezes deficiente, e a necessidade urgente de se estimular, junto aos professores do Ensino Fundamental e Médio, uma análise cuidadosa do material didático que utilizam uma vez que, como é público e notório, em inúmeras escolas brasileiras os livros didáticos se constituem na única fonte de consulta acessível tanto para os alunos quanto para os professores.

O segundo eixo, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Maria C. Bustamante, intitulou-se *Formação de Recursos Humanos em História Antiga no Brasil*. As comunicações apresentadas procuraram construir um painel acerca das experiências com a formação de pesquisadores em História Antiga, desde a graduação até o Doutorado, em três universidades brasileiras: USP, UNESP/Franca e UFRJ (LHIA). Em face, por



um lado, das particularidades da área, cuja formação profissional envolve, por exemplo, o aprendizado de idiomas - incluindo-se o grego e o latim - e estágios de pesquisa no exterior e, por outro lado, dos prazos oficiais cada vez mais reduzidos para a realização do Mestrado e do Doutorado, enfatizou-se a necessidade de se investir em um trabalho de base junto aos alunos de graduação mediante o programa de Iniciação Científica. Além disso, as exposições tiveram o mérito de assinalar a existência de uma demanda crescente pela especialização em História Antiga no Brasil, não obstante todos os problemas de financiamento enfrentados pela área de Ciências Humanas em geral, e de revelar duas tendências evidentes quando se trata da formação de recursos humanos nessa área: a necessidade cada vez maior de implantação de pesquisas por equipe e o estímulo à interdisciplinaridade.

Por último, o terceiro eixo, *A Produção Intelectual em História Antiga no Brasil*, coordenado pelo Prof.<sup>a</sup> Fábio Duarte Joly, teve por finalidade realizar um inventário dos livros, artigos, teses e dissertações produzidos pelos alunos e professores da USP e da UNICAMP como uma etapa preliminar à criação de um banco de dados em História Antiga a ser gerenciado pelo GT. O eixo se voltou ainda para a difusão da produção intelectual em História Antiga por intermédio da Internet, cabendo aos editores da *Helade* expor a sua bem sucedida experiência na manutenção de um periódico eletrônico sobre o tema, revelando-nos o quanto iniciativas deste tipo podem se constituir numa maneira ágil e econômica de divulgar em âmbito internacional a produção científica dos pesquisadores brasileiros, os quais encontram muitas dificuldades para tornar público os resultados obtidos com suas pesquisas

De tudo o que foi exposto ao longo de três dias de debates e levando-se em consideração a receptividade demonstrada pelos participantes do Simpósio para com as atividades do GT, é possível constatar-se um crescimento evidente do interesse pelo ensino e pela pesquisa em História Antiga, embora estejamos ainda muito

alguém de condições de trabalho satisfatórias. Entretanto, se observarmos os avanços obtidos ao longo da última década, é impossível não se acreditar num futuro promissor para a área, permanecendo como desafio para os historiadores da Antigüidade neste novo milênio que se anuncia tornar a pesquisa em História Antiga no Brasil reconhecida e respeitada em âmbito internacional. Nessa empreitada, julgamos que o GT de História Antiga talvez possa, ainda que modestamente, vir a dar a sua contribuição.

# História Antiga e Livro Didático

Coord.: *Ana Teresa Marques Gonçalves* (UFG)



# OS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA ANTIGA NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS

Ana Teresa Marques Gonçalves

Professora de História Antiga do Departamento de História da UFG.

## Resumo:

*Este artigo pretende discutir alguns aspectos do modo como os conteúdos de História Antiga são tratados em alguns livros didáticos brasileiros. Percebemos que existe uma enorme separação entre os espaços da sala de aula e da Universidade, problema este aliado à ausência de especialistas em História Antiga nas equipes que produzem estes livros didáticos.*

**Palavras-Chave:** História Antiga; Educação; Livro Didático

## Abstract:

*This article aims at discussing how the Ancient History is taught in some handbooks used by Brazilian students. We realize an extreme breaking between the ordinary classroom and the University, a problem like this associated with the absence of experts in Ancient History during the making of the handbooks..*

**Keywords:** Ancient History; Education; Class Book.

O livro didático de História deveria ser mais um instrumento de trabalho, entre outros, no interior das salas de aula brasileiras. Ele deveria ser uma fonte de consulta confiável e atualizada e também ser empregado como objeto de investigação, por meio do qual seus conteúdos fossem continuamente problematizados, por alunos e professores, e suas interpretações históricas dessacralizadas e criticadas (Lima, 1998: 205).

Contudo, na maior parte das salas de aula, o livro didático converte-se no único recurso teórico-metodológico e de conteúdo empregado pelos profissionais do saber. Os alunos cobram a existência de um manual, os pais dos alunos demandam um roteiro de estudo para os filhos, e os professores, com baixos salários, e com muitos alunos e aulas a serem ministradas, submetem-se, muitas vezes acriticamente, ao conteúdo que está condensado nos livros didáticos. Muitos professores ainda se preocupam em procurar novas informações e novos exercícios para melhorarem suas aulas, mas utilizam para isso outros livros didáticos. Como afirma Nicholas Davies, se o professor não tiver formação e condições financeiras e de exercício profissional adequados, novos materiais ou linguagens poderão apresentar os mesmos problemas que o livro didático profissional (Davies, 1996: 81). Tem-se que alterar conjuntamente os livros didáticos e a situação do professor.

Parece ainda haver em nossa sociedade o entendimento de que a escola não é um local de construção de conhecimento, mas apenas de difusão de um saber constituído em outras instâncias, principalmente nas Universidades. À Academia competiria a realização de pesquisas e a construção do conhecimento; à escola caberia a reprodução do saber já constituído.

Entretanto, no que se refere aos conteúdos de História Antiga, nem esta relação tem



se estabelecido. Uma leitura crítica realizada em alguns livros didáticos de História, publicados no país, é suficiente para demonstrar que eles estão, em sua grande maioria, defasados em termos das pesquisas e dos arcabouços teórico-metodológicos construídos e aplicados nas Universidades. Os livros didáticos não têm sido atualizados, não conseguindo acompanhar as novas descobertas arqueológicas e as novas tendências de conceituação, aplicadas às releituras feitas dos documentos textuais impressos.

Como a maior parte dos professores de ensino fundamental encontram-se, por diversos motivos, afastados das instâncias universitárias, eles não conseguem detectar os problemas de defasagem de conteúdo que se repetem nos livros didáticos. Segundo Sandra C. F. de Lima, afastados da produção do saber histórico, estes não buscam, muitas vezes, acompanhar os debates acerca da produção científica, por meio de leituras de caráter teórico; portanto, submetem-se acriticamente ao saber que é produzido pela academia e condensado nos livros didáticos.

Como afirma Bárbara Freitag, o livro didático não é visto como um instrumento de trabalho auxiliar na sala de aula, mas sim como a autoridade, a última instância, o critério absoluto de verdade, o padrão de excelência a ser adotado na aula (Freitag et alli, 1989: 124). Entretanto, tudo isto ainda seria válido, mesmo visando a reprodução do saber e não a sua construção, se este conteúdo estivesse atualizado. Como os conteúdos de História Antiga se repetem nas várias coleções, e estas, muitas vezes, ao se constituírem buscam idéias nos manuais mais antigos, as desatualizações vão se repetindo através dos tempos.

Na maioria das vezes, os conteúdos de História Antiga aparecem nos volumes das coleções dedicados às quintas ou às sétimas séries do ensino fundamental. E é facilmente perceptível, que nem sempre as equipes, que formulam estas coleções, integram professores especializados em História Antiga. Não contendo especialistas no assunto, estas equipes acabam preferindo repetir informações advindas de outras

coleções de sucesso editorial, e, desta forma, repetem erros de conteúdo e de conceituação de forma acrítica.

Sem os especialistas em História Antiga, que nem sempre são consultados para revisar as informações postas nos manuais, diversos conceitos já revistos, algumas vezes já mesmo ultrapassados e substituídos por outros mais adequados ao real vivido no passado, reaparecem com toda força nos livros didáticos. É o caso, por exemplo, do conceito de “decadência”, que reina quase solitário na explicação da crise do Império Romano em nossos livros didáticos. Apesar de sua utilização estar sendo criticada, no meio acadêmico, desde a década de oitenta, e da existência do famoso verbete “Decadência”, feito por Jacques Le Goff para a Enciclopédia Einaudi, no qual este autor apresenta argumentos decisivos para se repensar a utilização deste conceito na explicação de fenômenos do mundo antigo e propõe a sua substituição pelo conceito de “desagregação” do Império Romano (Le Goff, 1994: 375-422), o conceito de “decadência” ainda reina soberano no estudo do mundo romano em nossos livros didáticos.

Outro conceito que se repete de forma acrítica, apesar de sua revisão já ter sido proposta por historiadores brasileiros que trabalham com o materialismo histórico, é o de Modo de Produção Asiático, e dentro desta perspectiva a famosa Hipótese Causal Hidráulica, usada em vários manuais para explicar o aparecimento das primeiras cidades junto aos leitos dos rios. No livro “Modo de Produção Asiático: Nova Visita a um Velho Conceito”, historiadores de referência para o estudo do mundo antigo no Brasil, como Ciro Flamarion S. Cardoso e Emanuel Bouzon, defendem a idéia de que não é válido se querer derivar a civilização, em seus inícios e em certas regiões do mundo, de um fator mono-causal, ou seja, a necessidade de um controle centralizado tanto do abastecimento de água quanto da proteção contra as inundações em zonas áridas ou semiáridas. Esse determinismo simplista, ao mesmo tempo geográfico e técnico, presente nas formulações iniciais de Marx e Engels (e em vários de nossos livros didáticos), não pôde sustentar-se ao ser transformado em hipótese de



trabalho submetida a suficiente confrontação empírica: tal hipótese demonstrou ser falsa em todos os casos estudados (Cardoso et alli, 1990: 121-122), mas ainda permanece como válida em muitos dos nossos manuais.

Nas coleções de História, percebem-se duas tendências principais ao se estruturar o conteúdo de História Antiga. Ou se tenta abranger de forma panorâmica todas as civilizações antigas orientais e ocidentais, ou, buscando aproximar o mundo contemporâneo do passado, remete-se o aluno a uma procura das origens de certas instituições atuais, ressaltando-se o valor das civilizações grega e romana, principalmente. No primeiro caso, ao se tentar abranger um conhecimento tão grande, as informações se perdem no contexto geral. Lembramo-nos de um volume de uma coleção, dedicado à quinta série, no qual a civilização persa era tratada em três parágrafos, a civilização chinesa, em cinco parágrafos e a japonesa, em quatro parágrafos. Dessa forma, o aluno apenas sabe da existência destas sociedades ao invés de estudá-las e de buscar compreendê-las.

Acreditamos que seja melhor analisar um conteúdo menos extenso, mas de forma mais aprofundada. Todavia, muitos dos livros que optam por esta estratégia, acabam por incentivar o aluno a empreender uma verdadeira busca às origens do que existe atualmente. Vêem-se as origens do teatro na Grécia, do direito em Roma, da democracia no mundo grego clássico, da reforma agrária na República Romana, da escravidão, como se o que houvesse hoje fosse um mero prolongamento do que houve no passado. Fazem-se estas comparações sem se perceber que o teatro na Grécia tinha um sentido político próprio e muito profundo para o povo grego, inclusive de caráter religioso; que o direito romano foi sendo muito modificado ao longo do tempo, selecionado em suas várias vertentes, principalmente a partir da releitura que lhe foi imposta no Renascimento; que o conceito de democracia ateniense era completamente diverso do aplicado atualmente (vide: Finley, 1988); que a tentativa de reforma agrária, proposta pelos Gracos, respondia a anseios muito

específicos e tinha uma dinâmica diversa da dinâmica contemporânea (vide: Corassin, 1988); e que a escravidão antiga apresentava características muito próprias, não contendo em si nenhuma questão racial e comportando figuras impensáveis para o mundo moderno, como a do liberto romano (vide: Finley, 1991; Giardina, 1992; Vernant e Vidal Naquet, 1989).

O conhecimento deste passado mais distante é fundamental para a compreensão do presente, mas ele não deve ser encerrado apenas neste caráter utilitário. Este passado deve ser analisado a partir de seu próprio instrumental de análise. Muitas vezes, para se despertar o interesse dos alunos, pode-se, e até mesmo deve-se, começar o estudo de uma civilização, como, por exemplo, a Mesopotâmica, a partir do que ela tem de exótico ou, ao contrário, de parecido com o tempo atual, como a confecção de horóscopos pelos caldeus. Destarte, não se pode ficar apenas nisto. No caso específico do estudo da Mesopotâmica é fundamental explorar com os alunos o conceito de Cidade-Estado, que vai reaparecer no estudo da Grécia Antiga, do mundo romano, e mesmo no estudo das Cidades-Estado modernas, como Florença, Gênova, entre outras (Cardoso, 1987).

Não somos contrários a comparações passado/presente, desde que estas sejam feitas de forma apropriada, sem distorções do que ocorreu no passado. Lembramo-nos de um livro didático no qual se tentava estabelecer a todo custo uma comparação simplista e anacrônica entre a força bélica romana e a força bélica norte-americana, sem se levar em consideração qualquer tipo de diferenciação entre elas. Ao final do exercício proposto ao aluno, a única conclusão possível era de que os Estados Unidos atuais nada mais são que a reencarnação do Império Romano, sem se levar em consideração formas de dominação tão distantes no tempo e no espaço e tão díspares na forma de se realizarem e nos propósitos a serem alcançados. Vide, por exemplo, o estudo feito por Norberto Luiz Guarinello, em um livro paradidático da Editora Ática, Série Princípios, a respeito da noção de “Imperialismo”, diferenciando o imperialismo



Greco-Romano de como ele foi pensado nos mundos moderno e contemporâneo. Trata-se do mesmo termo, mas com sentidos diferentes no tempo e no espaço. Na imensa maioria de nossos livros didáticos ainda não se apresentam estas diferenciações.

A ausência de especialistas em História Antiga, nas equipes que confeccionam as coleções de livros didáticos para o ensino fundamental brasileiro, também se faz sentir na hora de se diferenciar o uso de conceitos no próprio estudo das civilizações. Um exemplo recorrente é a questão da “plebe” no mundo romano. Como o mesmo termo “plebe” é usado para significar grupos sociais diversos durante a República e o Império, o aluno fica sem entender o que foi a questão patricio-plebéia. Vai sempre parecer que foi uma luta travada entre pobre e ricos, quando o que estava em discussão eram questões políticas mais do que econômicas. A plebe no período da Realeza e nos primórdios da República era formada por grupos sociais muito diversos dos que viriam a compô-la no período imperial, e isto não é expresso em quase nenhum livro didático existente, possivelmente porque nem os autores conhecem desta diferença.

Além disso, são comuns os aparecimentos de erros de datas, de explicação de processos históricos, de legendas errôneas nas imagens, entre outros problemas. As imagens, na maioria das vezes, são apenas usadas para embelezar o livro, ou no máximo como uma confirmação do que é afirmado no texto. Dificilmente, encontramos obras didáticas nas quais as ilustrações são exploradas como fontes históricas. Inclusive, várias vezes, usam-se pinturas modernas ao se falar da mitologia grega e romana. Então, o que se apresenta ao aluno não são características dos deuses antigos, mas a releitura que o mundo moderno fez de seus atributos.

Ao se relatar as experiências do passado, são poquíssimos os livros didáticos nos quais se atenta para o fato de que muitos dos fatos narrados, nas diversas civilizações apresentadas, ocorreram de forma simultânea. O mais recorrente é que se abram capítulos para cada

uma das civilizações. Por exemplo, surgimento, desenvolvimento e crise da civilização egípcia; surgimento, desenvolvimento e crise da civilização mesopotâmica; surgimento, desenvolvimento e crise da civilização grega; surgimento, desenvolvimento e crise da civilização romana. Como se estas sociedades não tivessem interagido entre si. São postas como blocos estanques e nem nos exercícios propostos se tenta incentivar o estudante a compará-las. Há muito mais a preocupação em compará-las com o mundo contemporâneo do que compará-las entre si.

Muitos livros didáticos acabam por se caracterizar não como um material de referência, mas como um caderno de atividades para expor, desenvolver, fixar e, em alguns casos, até avaliar o aprendizado (Programa Nacional do Livro Didático, 2000: 20).

Entretanto, nem nas atividades propostas sobre o mundo antigo impera a criatividade. Ainda se insiste na formulação de questionários, nos quais se avalia a memorização dos alunos, mais do que seu entendimento e interpretação dos conteúdos. São raras as obras didáticas nas quais se encontram exercícios que estimulam a criatividade dos estudantes, nos quais se peçam, por exemplo, a sua opinião sobre os assuntos tratados. E, muitas vezes, quando tentam estimular o aluno a expressar a sua opinião, criam verdadeiros tribunais da História, em que as personagens históricas são julgadas pelas suas ações. Lembremo-nos de um livro didático no qual em cada capítulo a turma era incentivada a criar um verdadeiro tribunal na sala de aula, com advogados de defesa e de acusação para julgar as personagens citadas, como Júlio César, Cleópatra, Nero, Calígula, entre tantos outros já paradigmáticos. Ao invés de estimular o entendimento da História, ela é transformada, desta maneira, numa potência julgadora, na qual imperam os juízos de valor e a transformação destas personagens históricas em verdadeiros estereótipos.

Assim, torna-se interessante perceber que, principalmente nos Manuais do Professor, que acompanham os livros didáticos, aparecem citados, e sugeridos para consulta por parte dos



mestres, vários títulos atualizados em termos de História Antiga. Muitas vezes na própria bibliografia do Livro do Aluno, aparecem elencados títulos atualizados. Contudo, estes títulos parecem apenas enfeitar a obra, visto que seu conteúdo dificilmente aparece expresso nos textos que integram o livro didático.

Da mesma forma, buscando atender às modernas técnicas pedagógicas, os livros didáticos e os Manuais do Professor, que os acompanham, tentam incluir propostas de filmes, de livros paradidáticos e de sites a serem consultados na Internet. Todavia, dificilmente se elabora um roteiro para uso dos filmes propostos e alguns títulos apontados são de difícil aplicação, por exemplo, nas quintas séries. Os livros paradidáticos apontados, muitas vezes, são editados pela mesma editora do Livro Didático. E os sites indicados, quase sempre, se referem a endereços eletrônicos de jornais e revistas, para pesquisas, e não sites específicos de História Antiga, nos quais os alunos poderiam encontrar outras informações a respeito do mundo antigo (vide: Rocha, 1997).

Sabemos que é muito mais fácil criticar os livros didáticos existentes do que confeccionar um. Porém, tantos problemas de forma e conteúdo poderiam e deveriam ser evitados, chamando-se especialistas na área de História Antiga ou para integrar as equipes que produzem o manuais didáticos ou para dar pareceres na obra já pronta. Acreditamos que, deste modo, ao menos alguns problemas poderiam ser resolvidos.

Construir a História em sala de aula junto com os alunos não é uma tarefa fácil. O Brasil é um país de multiplicidades econômicas, culturais, regionais. E os livros didáticos também devem ser múltiplos, para responder a esta característica do nosso país. Entretanto, o que se espera é que o professor ao usar um livro didático tenha certeza de ter em mãos um material minimamente adequado à sua tarefa de ensinar, contribuindo, assim, para a real aprendizagem dos alunos.

## BIBLIOGRAFIA

- BITENCURT, C. (org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BORGES, Vavy P. et alli. *O Ensino de História: Revisão Urgente*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARDOSO, Ciro F. S. *A Cidade-Estado Antiga*. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_ et alli. *Modo de Produção Asiático: Uma Visita a um Velho Conceito*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- CORASSIN, Maria Luíza. *A Reforma Agrária na Roma Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DAVIES, Nicholas. O Livro Didático: Apoio ao Professor ou Vilão do Ensino de História. *Cadernos de História*. Uberlândia, 6(6): 81-85, 1996.
- FINLEY, Moses I. *Democracia Antiga e Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *História Antiga: Testemunhos e Modelos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- FREITAG, Bárbara et alli. *O Livro Didático em Questão*. São Paulo: Cortez, 1989.
- GIARDINA, Andrea (org.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Imperialismo Greco-Romano*. São Paulo; Ática, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp., 1994.
- LIMA, Sandra C. F. de. O Livro Didático de História: Instrumento de Trabalho ou Autoridade "Científica"? *História e Perspectivas*. Uberlândia, 18/19: 195-206, 1998.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. *A Escola e a Compreensão da Realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Programa Nacional do Livro Didático: Histórico e Perspectivas*. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, janeiro de 2000.
- RADUCH, M. C. *Temas de História em Livros Escolares*. Porto: Afrontamento, 1970.
- ROCHA, Ivan E. *1000 Sites de História Antiga e Arqueologia*. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.
- SILVA, Marcos A. da (org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL NAQUET, Pierre. *Trabalho e Escravidão na Grécia Antiga*. Campinas: Papyrus, 1989.
- ZAMBONI, Ernesta (org.). *A Prática do Ensino de História*. São Paulo: Cortez / CEDES, 1984.



# LER E ESCREVER: LIVROS DIDÁTICOS

Fábio Fav ersani

Professor de História Antiga do Departamento de História da UFOP

## Resumo:

*O presente trabalho discute os problemas que encontramos na abordagem dada à História Antiga partindo do pressuposto que estas obras não existem em si, mas em um “circuito de comunicação”. Para melhor compreender essas deficiências, portanto, impõem-se melhor identificar quais são os pólos que socialmente as têm gerado e refletir sobre estratégias para sua reversão. Nossa análise indica que é preciso, mais do que criticar os livros didáticos, refletir sobre a formação em História Antiga que temos dado na graduação aos futuros professores na graduação e as possibilidades de requalificação aos docentes e acesso a fontes de informação e formação alternativas e de qualidade para aqueles que estão em sala de aula. Apontamos para que a chave para a melhoria dos conteúdos apresentados nos livros didáticos passa, necessariamente, pela qualificação dos profissionais que utilizam esses livros.*

**Palavras-Chave:** História Antiga; Educação; Livro Didático.

## Abstract:

*The present work aims to discuss the problems found in the approach given to Ancient History presuming that these works don't exist in them, but that together they build a communication circuit. In order to get a better comprehension of such lacks, it is necessary to identify effectively which are the poles that socially have been generating those lacks as well as contemplate strategies to help their reversion. Our analysis points out that, more than only criticize didactic books, is needed to reflect on the formation we are giving to History graduation students in Ancient History and also to think about teachers retraining in order to get a better access to sources of information, plus qualitative and alternative formation to the ones who are giving this course. We have reasons to believe that the key for the better of didactic books contents certainly is closely related to the qualification of the professionals that deals with those books..*

**Keywords:** Ancient History; Teaching; Didactic books.

Pretendo, nessa comunicação, discutir com vocês os livros didáticos em uma dupla perspectiva: a de quem os lê, quer como o professor que os utiliza<sup>1</sup>, quer como o acadêmico que faz a análise crítica dessas obras<sup>2</sup>, e a de quem os escreve.<sup>3</sup>

Portanto, a minha discussão passará por essa tripla perspectiva, mesmo que de forma involuntária. Um primeiro ponto bastante lembrado

<sup>1</sup> Fui professor de primeiro e segundo graus entre os anos de 1986 e 1991, em São Paulo, trabalhando em escolas que utilizam diferentes materiais didáticos. Vivenciei três situações com relação ao uso de material didático em escolas: 1. aquelas que produziam seu próprio material didático, 2. que o compravam de redes de escolas visando a preparação para o vestibular (as famosas apostilas), 3. que usavam livros didáticos.

<sup>2</sup> Escrevi, como resultado dessa reflexão, um artigo em co-autoria com Luiz Carlos Villalta, que foi publicado em 1994 na revista *Vértice*, de Portugal. Essa reflexão ocorreu em especial em função de minha atuação em cursos de qualificação de professores, onde atuava, em especial, ministrando aulas sobre métodos e técnicas do ensino de história. Nessas ocasiões, a discussão sobre a avaliação dos livros didáticos e sua forma de utilização pelos professores era uma constante.

<sup>3</sup> Sou co-autor dos livros didáticos de 5ª série da Rede Pitágoras, tendo escrito os capítulos referentes à História Antiga (“Egito.” In: VILLALTA, Luiz Carlos; FAVERSANI, Fábio; ALVARENGA, Thábata de Araújo. *História*. Ensino Fundamental. 5ª série. v. 1. Belo Horizonte: Editora Universidade, 2000. (Coleção Pitágoras) 18 pp. “Grécia.” In: VILLALTA, Luiz Carlos; FAVERSANI, Fábio; ALVARENGA, Thábata de Araújo. *História*. Ensino Fundamental. 5ª série. v. 1. Belo Horizonte: Editora Universidade, 2000. (Coleção Pitágoras) 26 pp. “Roma.” In: VILLALTA, Luiz Carlos; FAVERSANI, Fábio; ALVARENGA, Thábata de Araújo; CERQUEIRA, Adriano Lopes da Gama; SILVA, Edna Mara Ferreira da. *História*. Ensino Fundamental. 5ª série. v. 2. Belo Horizonte: Editora Universidade, 2000. (Coleção Pitágoras) 26 pp.). O público de leitores é “cativo”, uma vez que os professores e alunos da Rede não podem optar por dispensar o uso desse material, ainda que seja fortemente recomendado o uso de outros materiais paralelamente.



quando se trata de debater os livros didáticos é o lugar que ele ocupa, em geral, no processo ensino-aprendizagem. Destaque-se que, em muitos casos, o livro didático é o único material disponível não só para alunos, mas também para professores. Sendo assim, conclui-se que o livro didático assume um lugar central no que se refere ao que seja o ensino de história e, em decorrência, um bom aferidor de sua qualidade. Estudos sobre a prática dos professores de História têm mostrado essa centralidade real<sup>4</sup>, ainda que os debates sobre como deveria ser o ensino de História venha retirando, cada vez mais, o peso dessas obras na prática do professor.

Outro aspecto bastante lembrado é o fato dos livros didáticos movimentarem uma indústria milionária. Para se ter idéia do quanto essa atividade movimenta, basta lembrar que mesmo os autores ganham muito dinheiro com ela... Coisa bastante rara, diga-se, quando se trata do mercado editorial brasileiro.

Tanto é assim que essa dupla característica: alto impacto pedagógico e grandes interesses econômicos fez com que o MEC, por exemplo, fosse instado a regular esse mercado, produzindo uma crítica externa à indústria e consumidores. Os livros são classificados por especialistas que os analisam e, conforme sua avaliação, eles são excluídos das compras feitas pelo Estado. A idéia é circunscrever a escolha dos professores àqueles títulos que sejam reconhecidos como minimamente qualificados para cumprir seu importante papel e justificar os vultuosos investimentos que são feitos na sua aquisição. Ou seja, em outras palavras, coloca-se um filtro entre o encomendante das obras, os professores, e os seus produtores, os editores. Percebeu-se que esse filtro era necessário. Importante fazer notar a tensão que envolve esse trabalho, já que ele acaba sendo um importante orientador para o mercado, mesmo quando a classificação do MEC não precisa ser obedecida, como é o caso das escolas da rede particular.

O que nos parece interessante indicar para uma análise dos livros didáticos, especialmente no que se refere ao tratamento dado à História Antiga nessas obras, é que os livros estão inseridos em circuito de comunicação ou de produção e consumo<sup>5</sup>, não sendo algo em si. Para analisar seu conteúdo, impõe-se pensar em como ele é produzido e consumido, pensar essa obra como um produto social mais do que simples registro. A maior parte das análises de livros didáticos segue sendo um estudo do que são estes textos frente ao que eles deveriam ser tendo em vista o estado da arte no que se refere ao que é produzido pela historiografia e/ou em relação ao que eles deveriam propiciar para que se realizasse o que se discute como sendo o perfil mais adequado para o ensino de história. Em síntese, a maior parte das análises dos livros são feitas por acadêmicos que discutem o quanto os livros didáticos se aproximam das discussões feitas por eles próprios. Eu excetuo aqui as análises feitas pelo MEC, que obedecem a outros critérios.

Quando tratamos que eles estão inseridos em circuito de comunicação ou de produção e consumo, queremos destacar que eles integram comprador (governo ou país), autor, editor, professor e aluno. Nesse circuito temos, de um lado, o editor buscando colocar no mercado um produto que tenha aceitabilidade e que, para tanto, procura um autor que se proponha a tratar de temas que vão das chamadas comunidades primitivas à história mundial recente, em uma obra dividida em quatro volumes. Aqui já aparece um limite intrínseco à produção desse tipo de obra. Como uma única pessoa ou uma pequena equipe de apenas até cinco pessoas pode estar a par do estado da arte em termos da produção acadêmica para produzir um texto de qualidade sob esse ponto de vista? Trata-se de algo, claramente, impossível. Aumentar a equipe significa uma série de problemas na execução dos trabalhos, contratos, manutenção de uma certa unidade da obra, etc. Não é a toa que as coleções didáticas não têm muitos autores.

Por outro lado, temos os compradores. Nesse ponto, os professores têm papel fundamental. Eles têm um peso muito grande na decisão

<sup>4</sup> Citamos, como exemplos os estudos de ZAMBONI, Ernesta *et alii*. "Sabores e dissabores do ensino de História". *Revista Brasileira de História*, 9. São Paulo: ANPUH, 1990. pp. 181-195. e VILLALTA, Luiz Carlos. "Dilemas da relação teoria e prática na formação do professor: alternativas em perspectiva". *Trabalho apresentado no 6o Congresso Brasileiro de Educação*. São Paulo: datiloscrito, 1991.

<sup>5</sup> DARNTON, Robert. "O que é a história dos livros?" In: *O beijo de Lamourrete: Midia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. pp. 109-131.



de compra tanto das agências governamentais quanto dos pais e alunos da rede privada. Sendo assim, esse livro didático que se quer vender – fique claro que, regra geral, o que mais se quer com um livro didático é vendê-lo – tem que convencer o professor de que ele é bom, bom para ser utilizado na sala de aula...

Aí que surge uma resposta para o mistério dos livros receberem tanto investimento, tanta atenção e continuarem sendo tão fracos. A formação dos professores, as oportunidades de requalificação, a remuneração recebida, o tempo para investir na preparação do trabalho de sala de aula, tudo enfim, é muito precário. É para esse professor, nessas condições reais, que o livro é feito. Com todo o risco que a generalização impõe e ressalvando as honrosas exceções, creio ser possível dizer que, bem comparadas, a qualidade das obras e dos professores não dista muito uma da outra e a chave para termos melhores livros está em termos professores capazes de utilizá-los. Ou seja, parece-me que há uma correlação entre essas variáveis e a determinação é mais forte no sentido professor à livro do que em sentido contrário.

Nada adiantaria termos livros atualizadíssimos, de acordo com que o que há de mais avançado em termos de Ensino de História, se não houver professores para usá-los.

Essa constatação nos parece ainda mais urgente no caso da História Antiga. Não por acaso, a História Antiga parece ser a mais castigada nos textos didáticos. Ora, e a formação recebida pelos professores na graduação? E as possibilidades de requalificação? E o acesso a materiais que possam ser estudados para preparar aulas para além do próprio livro didático? Tudo isso é muito precário fora e antes do livro didático. Não é a toa que vivemos, em Minas Gerais por exemplo, um forte movimento de banimento da História Antiga dos currículos escolares. Pergunta-se para quê serve isso? Dentro dessa pergunta, cuja resposta é tão óbvia, só podemos ouvir outra, qual seja: História Antiga, o que é isso? O caso de Minas não é excepcional. Nossa sub-área do conhecimento está relegada a uma condição bastante subsidiária dentro dos currículos oficiais e ainda mais precária quando se

toma contato com os currículos ocultos, ou seja, os que efetivamente são aplicados nas escolas.

Sabedor disso, pareceu-me mais interessante ainda o desafio de escrever capítulos de um livro didático cobrindo as civilizações egípcia, grega e romana para a Rede Pitágoras, cujas escolas ficam sediadas, em sua maior parte, em Minas Gerais, onde, como já foi dito, a História Antiga foi banida dos currículos oficiais e de quase todos os programas de vestibulares do estado.

Essa experiência me mostrou que há uma série de limitações para produzir um texto desse tipo, que nem se imagina antes de estar trabalhando diretamente com isso. No meu caso, a tiragem é pequena frente àquelas que têm as grandes editoras do ramo. São apenas cerca de dez mil exemplares por edição. Isso impõe limitações em termos da qualidade gráfica do texto por trabalhar sem fotolitos, da possibilidade de usar ilustrações já disponíveis, que precisam ser compradas, ou trabalhar com os melhores ilustradores disponíveis no mercado. A equipe de pesquisa também é limitada. O espaço que se tem para abordar temas tão amplos é pequeno, opressivamente pequeno, às vezes. Tratar de Egito, Grécia e Roma em setenta páginas é, definitivamente, uma aventura perigosa.

Gostaria de dedicar algumas palavras a isso. Escolher eixos que orientem a análise é fundamental em qualquer texto que produzamos, é claro. Mas nesse caso, a escolha dos eixos é ainda mais impositiva. Além disso, esses eixos não podem ser só seus. Devem ser de todos os autores, valer para todos os capítulos, para o estudo dos diversos períodos históricos.

Após muito debate, elegemos casa, poder e trabalho como eixos. Mesmo assim, como tratar estes temas sem minimamente os contextualizar, informar mesmo o consumidor desse livro, em especial os alunos de quinta série que estudam Egito, Grécia e Roma em tão pouco espaço? Minha proposta era dar um peso razoável a um quadro informativo, trazendo fatos, nomes e datas relevantes para que se compreenda onde estão a casa, os trabalhadores e as relações de poder que seriam estudadas.

Aqui surge um problema: o livro não pode tomar um perfil tradicional, que é abominado pelos editores e professores. O livro pode ser



calçado na historiografia mais tradicional, como muitas vezes se vê, mas deve ter um formato, apresentação do texto, que não deixe isso claro.

Mesmo não produzindo uma história factual, meramente descritiva, mas tão somente procurando qualificar minimamente as análises e as propostas de discussão e pesquisa a serem realizadas por professores e alunos em uma quantidade de dados mais ampla, percebi muita resistência. O consenso é de que o texto não pode ficar muito “pesado”. Depois de muitas discussões com a equipe, com consultores e editores, foi mantida uma carga que eu chamaria de informativa bastante superior a que seria desejada pelos meus parceiros e também àquela que vejo nas publicações congêneres.

Pois bem, a obra foi para as escolas e, como todos os meus parceiros nessa empreitada já me advertiam, essa opção não seria bem vista pelos professores. Dito e feito. O retorno que veio das escolas foi de elogiar bastante o trabalho, mas ressaltar que há ali muita informação a ser trabalhada, que o livro é muito pesado. Sinceramente, parece-me bem o contrário, mas, apesar de ter o defeito de ser teimoso, não cometo o pecado de ser arrogante ou intransigente e deverei trabalhar na criação de alternativas para que a História Antiga possa seguir sendo trabalhada nessas escolas de forma a se preservar como a referência fundamental que é para o estudo da História.

Assim, parece-me que a partir da experiência de trabalho como professor que usa livros didáticos, de docente que trabalha na requalificação de professores e na crítica dessas obras e de autor livro didático, é fundamental investigar de forma mais integrada o processo de produção da educação que temos no ensino fundamental e médio. Consideradas estáveis as condições de oferta dessa educação, hipótese que me parece razoável, gostaria de investigar melhor o que é a história antiga no Brasil na graduação e na pesquisa, inicialmente, para depois voltar a investigar de forma mais qualificada o que ocorre com a História Antiga no ensino médio e, especialmente, no ensino fundamental. Essa pesquisa já teve início e seus resultados ainda parciais estão publicados no outro texto de minha autoria nesse dossiê do GT de História Antiga da ANPUH.

Por ora e, em conclusão, minha hipótese é que os limites que vemos no trabalho com História Antiga no ensino básico é decorrente das fragilidades na formação e requalificação de professores, além do pouco acesso a outras fontes de informação disponíveis sobre História Antiga para estes professores. Em síntese, parece-me que nós, acadêmicos, principais críticos das mazelas da educação básica, somos também um dos principais responsáveis pelos problemas que diagnosticamos não poucas vezes de forma bastante ácida. Minha investigação nesse campo, daqui por diante, seguirá sendo orientada pela reflexão acerca das possibilidades de reversão desse quadro.



# SIMPLIFICAÇÕES E LIVRO DIDÁTICO: UM ESTUDO A PARTIR DOS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA ANTIGA

*Gilvan Ventura da Silva*

*Professor de História Antiga do Departamento de História da UFES*

## **Resumo:**

*Com este artigo, pretendemos realizar algumas reflexões acerca de como a História Antiga é tratada pelos livros didáticos utilizados no Ensino Fundamental. O eixo da nossa abordagem são as chamadas “simplificações” que, ao aparecerem em grande quantidade, prejudicam seriamente a compreensão dos processos históricos por parte dos alunos. A fim de facilitar a análise das simplificações, as dividimos em cinco categorias: a) simplificações processuais; b) simplificações teórico-conceituais; c) simplificações comparativas; d) simplificações valorativas; e) generalizações espaço-temporais..*

**Palavras-Chave:** *História Antiga; Livro Didático; Simplificações; Ensino Fundamental.*

## **Abstract:**

*In this work we aim at analyzing how the Ancient History appears in the Brazilian didactic books. In order to do it, we study the called “simplifications”. These kind of problem, appearing continuously in the didactic texts, is in fact a serious difficult for the teaching of Ancient History. In a previous research, it was possible to find five types of simplification, namely: a) simplifications concerning historical process; b) theoretical simplifications; c) comparative simplifications; d) simplifications concerning points of view; e) generalizations.*

**Keywords:** *Ancient History; Didactic Books; Simplifications; Education.*

O trabalho com o Livro Didático, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio é, como se sabe, uma atividade que exige um cuidado

permanente por parte dos professores no sentido de converter o material em questão em um instrumento pedagógico eficiente e efetivamente formador. Essa tarefa, embora possa parecer à primeira vista bastante óbvia, não é menos desafiadora na medida em que os livros didáticos à disposição no mercado editorial brasileiro, salvo raras e honrosas exceções, apresentam uma quantidade tal de deficiências que por vezes inviabilizam a sua utilização. De fato, não causaria estranheza a nenhum educador a constatação de que os nossos livros didáticos se encontram, em termos gerais, abaixo das expectativas quando se trata de fornecer ao aluno um ensino de qualidade em função dos erros, anacronismos, desatualizações e juízos de valor que tais publicações comportam. Essa situação se torna particularmente grave se levarmos em consideração o fato de que o livro didático em inúmeras escolas ao longo desse País é o único material bibliográfico disponível para consulta de alunos e professores, o que aumenta sobremaneira as responsabilidades dos autores e editores na sua elaboração. Naturalmente que nenhuma publicação, seja de que tipo for, está isenta de reparos ou acima da crítica. No entanto, do modo como o sistema educacional brasileiro hoje se estrutura, é imprescindível que o livro didático possibilite ao professor desenvolver um ensino de qualidade, sob pena de produzir-se uma deformação que acompanhará o aluno até, quem sabe, a Universidade.



Na verdade, na medida em que os professores não costumam receber uma formação adequada em determinadas áreas do conhecimento histórico durante a Licenciatura, isso contribui para uma sensível diminuição da sua capacidade crítica, problema agravado pelo fato de que são poucos os professores de Ensino Fundamental e Médio que após terem obtido habilitação para lecionar prosseguem a sua capacitação por intermédio de cursos de pós-graduação e/ou atualização. Quando muito, tais profissionais se voltam para a área da pedagogia pura e simples, não retomando o estudo sistemático dos conteúdos próprios da sua disciplina, como se o simples manejo de técnicas pedagógicas arrojadas e um conhecimento um pouco mais extenso de didática ou psicologia da educação, por exemplo, pudessem torná-los automaticamente professores mais capazes na sua prática cotidiana de sala de aula. Não que estejamos aqui questionando o valor da pedagogia, mas antes de qualquer coisa, é necessário nos interrogarmos sobre o que de fato o professor conhece da disciplina que leciona, qual o seu grau de atualização na área, se ele é capaz de raciocinar criticamente conjugando elementos que compõem o corpus teórico da sua disciplina e daí por diante.

Tal afirmação, embora possa parecer um truismo, não o é se observarmos a péssima qualidade dos livros didáticos de História à disposição no mercado. A grande interrogação seria: por que essas obras são tão deficientes se congregam uma quantidade considerável de profissionais na sua execução, muitos deles com renome nacional? Uma das explicações possíveis seria, em nosso entender, a formação deficiente do próprio professor, o qual não possui condições efetivas de avaliar, criticar e reparar aquilo que o Livro Didático difunde. Quanto a isso, é importante frisar que muitas vezes o que o livro traz não é sequer o conhecimento acadêmico adaptado de modo bastante simples à capacidade cognitiva dos alunos, mas o senso comum na sua mais estrita acepção, e é isso que infelizmente acaba se constituindo em matéria de ensino. Se o professor possuísse preparo suficiente para dialogar com o Livro Didático sem se

prender a esquemas explicativos cristalizados e conteúdos já superados, então o livro, mesmo comportando imprecisões e equívocos, como de resto qualquer outra obra literária, se transformaria em um poderoso instrumento pedagógico à disposição dos nossos professores.

Para utilizar o Livro Didático com maior perícia e autonomia, seria necessário no entanto que o professor (refiro-me aqui ao professor de História em particular) tivesse recebido uma formação superior minimamente satisfatória. A História, assim como os demais saberes acadêmicos, é um domínio de conhecimento verdadeiramente monumental. Um licenciado em História atualmente deve ter condições de transitar do Paleolítico até a Queda do Muro de Berlim com o mínimo de competência o que, reconhecemos, não é uma tarefa muito fácil. Nesse sentido, a sua formação superior deveria, ao menos em tese, ter contemplado todas as grandes áreas nas quais os departamentos de História das Universidades e Faculdades brasileiras tradicionalmente se subdividem. No entanto, por uma série de razões que não nos cabem aqui discutir, algumas áreas do conhecimento histórico cujo ensino é obrigatório por determinação do Conselho Superior de Educação e que fazem parte do currículo mínimo das escolas de nível fundamental em muitos estados brasileiros, são tratadas de modo absolutamente indigente, resultando na formação de profissionais despreparados. Dentre essas áreas, parece-nos que a mais prejudicada é sem dúvida a de História Antiga e Medieval, incluindo aí a Pré-História. Como resultado direto dessa falta adequada de formação por parte dos licenciandos, não nos surpreende a constatação de que nos Livros Didáticos os conteúdos referentes à História Antiga e Medieval sejam os que padecem da maior quantidade de problemas, alguns dos quais extremamente graves, a ponto de comprometer a própria validade daquilo que está sendo ensinado.

Afora os erros e anacronismos, alguns dos quais imperdoáveis e por isso mesmo facilmente detectáveis, os Livros Didáticos apresentam com maior frequência um tipo particular de



limitação que compromete igualmente a sua qualidade: as chamadas *simplificações*. Quando tratamos de simplificações, é preciso esclarecer de antemão que é da própria natureza do Livro Didático simplificar, ou seja, adaptar um determinado conteúdo mais complexo à capacidade cognitiva do aluno, o que muitas vezes requer a supressão de detalhes e desdobramentos suplementares de um dado processo para reter as suas características gerais de modo a facilitar a sua compreensão por parte do estudante. Ser capaz de realizar uma operação como essa é, sem dúvida, um dos maiores desafios dos nossos educadores. Isso não se confunde, no entanto, com as simplificações das quais tratamos aqui, ou seja, aquelas que com a pretensão de facilitar o processo de ensino/aprendizagem trata os conteúdos ensinados com tal negligência que termina por distorcê-los. No decorrer da nossa experiência como professores de História Antiga, procuramos sempre realizar com os alunos do Curso de História da UFES, instituição da qual fazemos parte, a crítica do Livro Didático. Como resultado desse trabalho, elaboramos de modo preliminar uma tipologia que pudesse dar conta das múltiplas simplificações contidas nos Livros Didáticos e com isso facilitar a nossa investigação. Sendo assim, poderíamos dizer que grosso modo as simplificações detectáveis nos Livros Didáticos são de cinco tipos: a) simplificações processuais; b) simplificações teórico-conceituais; c) simplificações comparativas; d) simplificações valorativas e e) generalizações espaço-temporais. Vejamos como cada uma delas se apresenta.

Por simplificações processuais, entendem-se aquelas explicações que, ao resumirem em demasia um determinado processo histórico, terminam por descaracterizá-lo, produzindo assim uma caricatura. Dentre todos os tipos de simplificação contidas nos Livros Didáticos, esta é a mais recorrente. Um exemplo bastante sugestivo de como as simplificações processuais se apresentam nos é fornecido pelo pressuposto de que a invenção da agricultura e do pastoreio representou a adoção de uma nova forma de vida bastante distinta daquela dos caçadores-coletores, quando sabemos que o sedentarismo e a Revolução Neolítica não alteraram

de imediato os padrões de organização social herdados do Paleolítico. Não obstante as inovações trazidas com a domesticação de plantas e animais, o fato é que as sociedades do Neolítico continuam a fundamentar a distinção entre os indivíduos a partir do parentesco, do sexo e da idade. Somente o surgimento do Estado produzirá uma alteração social de maior envergadura. Além disso, é preciso considerar que o domínio sistemático sobre a produção de alimentos não foi suficiente para suprimir a pesca, a caça e a coleta herdadas do período anterior. Sendo assim, uma explicação da passagem do Paleolítico para o Neolítico como aquela veiculada pelos Livros Didáticos simplifica a tal ponto o processo que termina por atribuir-lhe uma dimensão que o mesmo não possui efetivamente.

No que concerne às simplificações conceituais, os problemas são tão ou mais graves. Isso porque, salvo alguns casos específicos, os autores de livros didáticos não possuem uma preocupação estrita com a reflexão prévia acerca dos termos e conceitos que utilizam, o que nos causa estranheza se nos recordamos que boa parte do trabalho de reflexão intelectual dos historiadores é consumido na tentativa de definir por intermédio de conceitos os mais precisos possíveis as relações sociais que compõem os objetos que estudam. Sem os conceitos (ou os invariantes na acepção de Paul Veyne, cf. 1989), perpetuamos a antiga História dos tratados e batalhas, o que os historiadores há muito já trataram de abolir do seu ofício. Nos livros didáticos, entretanto, o assunto não adquire maior relevo. Desse modo, ou os conceitos são empregados sem nenhuma definição, quase como se fossem auto-explicativos, ou a definição que lhes é dada pelos autores é tão genérica que os mesmos acabam por ter diluído o seu potencial significativo. Assim ocorre, por exemplo, quando encontramos uma definição de feudalismo como se segue: “forma de organização social baseada nas relações de trabalho em torno da terra e da produção exclusivamente rural”. A rigor, qualquer sociedade agrária, feudal ou não, se estrutura a partir das relações de trabalho com a terra, de maneira que a explicação do conceito contribui muito pouco para



esclarecer a especificidade do feudalismo. Um problema semelhante se verifica quando o capitalismo é entendido como um “sistema que se baseia no lucro e na exploração do homem pelo homem” o que, convenhamos, não quer dizer muita coisa.

Um terceiro grupo de simplificações é constituído pelas comparações espúrias e desnecessárias que se estabelecem entre sociedades distintas no tempo e no espaço. Evidentemente que os procedimentos que envolvem a História Comparada são absolutamente meritórios e recomendáveis, desde que os critérios de comparação não induzam o aluno a concluir pela existência de semelhanças e/ou diferenças inexistentes. É preciso, antes de tudo, muita cautela com as comparações propostas, inclusive com o intuito de evitar anacronismos, um dos equívocos mais graves em se tratando do conhecimento histórico. Comparar realidades muito distantes no tempo e no espaço requer ainda um cuidado redobrado, pois no esforço de tentar tornar mais inteligível para os estudantes contemporâneos processos muito recuados no tempo mediante a comparação com elementos do cotidiano podem ser cometidas sérias distorções. Um caso exemplar do que afirmamos é o do Livro Didático que, ao pretender facilitar a compreensão do sentido histórico das pinturas rupestres, afirmava que as mesmas resultavam de um desejo dos homens pré-históricos em “marcar presença”, assim como se comportam os adolescentes de hoje ao escreverem o seu nome nos muros e monumentos. Tal comparação é simplesmente um absurdo, dispensando maiores comentários.

As simplificações também podem, por vezes, adquirir um matiz valorativo, induzindo os alunos a fazer julgamentos de caráter ético sobre os acontecimentos históricos estudados, o que deve ser encarado com muita precaução por parte dos professores, uma vez que tais valorações dão margem à produção e/ou reprodução de estereótipos e, mais sério do que isso, à manutenção de preconceitos. Nesse sentido, é muito comum que os livros didáticos adotem explicações simplistas sobre fenômenos sociais

bastante complexos, desqualificando a sua importância social. Assim é que a extrema religiosidade do povo egípcio é muitas vezes tomada como comodismo, já que na opinião dos autores é mais fácil aceitar-se a vida imposta pela religião do que explicá-la de outro modo. Em termos extremos, podemos nos deparar ainda com a seguinte observação a respeito das crenças dos povos primitivos: “como não conheciam as causas científicas do raio, apelavam, espontaneamente, para a fé, para as crenças”. Diante de uma afirmação como essa, o pensamento religioso se converte em um tipo de explicação do mundo inferior à ciência.

Por último, devemos nos reportar às generalizações espaço-temporais, as quais costumam tomar a parte pelo todo, atribuindo a características particulares de sociedades circunscritas no tempo e no espaço uma abrangência e duração que não se verifica em termos empíricos, o que suprime as diferenças no interior do discurso histórico. Algo desse tipo ocorre quando nos deparamos com a seguinte afirmação: “Grécia e Roma foram as duas civilizações da Antigüidade que mais utilizaram o trabalho de escravos, tanto nas cidades quanto nos campos”. É preciso lembrar, nesse caso, que nem toda o mundo de fala grega se estruturou a partir do modo de produção escravista e que a difusão do escravismo em Roma foi um fenômeno restrito muito mais ao Ocidente.

Diante de todos os problemas aqui apontados, o que poderia ser feito a fim de que pudessemos saná-los, senão de imediato, ao menos em médio prazo? A opção mais rápida e cômoda seria, obviamente, suprimir o trabalho com o Livro Didático? Tal solução, no entanto, se revelaria uma boa saída? Cremos que não, uma vez que os Livros Didáticos têm a vantagem de encerrar, neles mesmos, um conjunto de informações, ainda que resumidas, que podem ser facilmente consultadas pelo aluno sempre que necessário, constituindo assim um valioso apoio para os conteúdos ensinados em classe. Nesse sentido, vale a pena mencionar que os livros trazem, em geral, preciosas indicações de leituras complementares, sugestões de vídeos e



hoje, cada vez mais, listas com sites que podem servir de auxílio tanto aos alunos quanto aos professores. Por outro lado, é inegável que os nossos livros têm adquirido com o tempo uma tal qualidade gráfica que os torna em alguns casos irresistível para os alunos, especialmente os do Ensino Fundamental, não havendo razão para não se explorar o potencial imagético contido em tais obras quando se trata de ensinar História. No entanto, é imprescindível que o professor intervenha cada vez mais no processo ensino/aprendizagem, não se deixando seduzir nem tampouco limitar pelo Livro Didático. A relação, claro, deve ser fundada no respeito, uma vez que o Livro Didático é uma obra que possui um ou mais autores cujas idéias devem ser discutidas e não simplesmente desprezadas. No entanto, é necessário que o professor faça valer os seus anos de formação no sentido de dialogar com o Livro Didático, desafiá-lo, corrigir suas distorções, complementá-lo e, nesse processo, envolver os seus alunos, pois somente assim se formam as bases do conhecimento científico e da reflexão crítica.

Fazer isso com os conteúdos de História Antiga, no entanto, já é um procedimento muito mais complicado, pois exige que o professor tenha tido uma melhor formação na área ou que tenha se dedicado ao estudo da disciplina por conta própria. Aqui, talvez, resida o nó górdio do problema, pois enquanto não formos capazes de produzir uma maior quantidade de especialistas em História Antiga não poderemos realizar nada verdadeiramente eficaz. Mas não basta apenas que formemos uma quantidade maior de especialistas. É preciso que estes não apenas encontrem espaço nos departamentos universitários, mas também dediquem um cuidado especial à graduação, tendo em vista que dificilmente um aluno voltará a ter contato com a disciplina após ter cumprido os seus créditos obrigatórios. Quando colocamos a questão nestes termos, percebemos o quanto ainda estamos longe de atingir condições de trabalho minimamente satisfatórias o que, no entanto, não deve nos desestimular. Se todas as deficiências que envolvem o ensino e a pesquisa de História Antiga no Brasil já estivessem resolvidas, nossa

presença neste eixo de discussão seria faltantemente dispensável.

## BIBLIOGRAFIA

FRANCO, M. L. *O livro didático de História no Brasil*. São Paulo: Global, 1982.

NADAI, E. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 1993.

SILVA, M. (Org.) *Repensando a história*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

VEYNE, P. *O inventário das diferenças*. Lisboa: Gradiva, 1989.



# A IMPORTÂNCIA DE UMA ABORDAGEM CRÍTICA DA HISTÓRIA ANTIGA NOS LIVROS ESCOLARES

Pedro Paulo Funari

Professor de História Antiga do Departamento de História da UNICAMP

## Resumo:

O artigo visa discutir a importância de uma abordagem crítica para o estudo da História antiga, por meio do uso de livros didáticos. Enfatiza o papel central que o conhecimento de primeira mão do mundo antigo possui ao permitir que as pessoas se tornem pensadores criativos, capazes de compreender sua própria sociedade.

**Palavras-Chave:** História Antiga, conhecimento de primeira mão, pensamento crítico.

## Abstract:

The paper aims at exploring the importance of a critical approach for the study of ancient history through the use of text books. It emphasises the key role a first hand knowledge of the ancient world plays in empowering people as creative thinkers, capable of understanding his or her own society.

**Keywords:** Ancient history, empowerment, first hand knowledge, critical thought.

O ensino de História Antiga é capital para a formação de uma cidadania crítica. Há muitas décadas, Antonio Gramsci escrevia, no *Quaderno 12*, com bons argumentos, sobre como é importante e não abandonável o estudo das línguas mortas. Estuda-se o latim e o grego, dizia Gramsci,

*“não para ser camareiro, intérprete, correspondente comercial, mas para conhecer, diretamente, a civilização dos dois povos, pressuposto necessário da civilização moderna, ou seja, para sermos nós mesmos e nos conhecermos de maneira consciente”.*

Mas, porque começar pelas línguas antigas?

Ora, sabemos que a História se faz com documentos, não apenas escritos, mas também a partir deles. Não se pode conhecer, de forma razoável, uma civilização, se não conhecermos sua língua, seus conceitos, suas formas de expressão (Funari 1995). O âmago de uma povo está em sua língua, sem a qual a vida social não se estrutura (Vernant 1999). A língua condiciona a cultura e os conceitos derivam dos limites e possibilidades de sua estrutura lingüística (Rouanet 2001:15). Essas constatações universais adquirem, quanto ao grego e ao latim, um aspecto ainda muito mais premente: a ubiquidade dessas línguas nas épocas posteriores e, particularmente, em nossa própria, tornam-nas ainda mais cruciais. De fato, boa parte dos conceitos modernos implicam uma reapropriação de noções oriundas do mundo clássico, como bem nos tem lembrado Heinhart Koselleck (*e.g. Begriffsgeschichte und Sozialgeschichte*) em seus estudos sobre a *Begriffsgeschichte* e a contemporaneidade dos não contemporâneo (*Gleichzeitigkeit des Ungleichzeitigen*). Voltaremos a isto um pouco mais adiante.



Retornemos ao pensador italiano. O estudo das línguas clássicas possui ainda, segundo Gramsci, um outro aspecto positivo: é um estudo árduo, que serve para “fazer contrair hábitos de exatidão, diligência, compostura, até mesmo física, concentração psíquica sobre determinados objetos que não se podem adquirir sem uma repetição mecânica de atos disciplinados e metódicos”. Assim, um adulto será capaz de estar sentado a estudar “por dezesseis horas seguidas” apenas se, de criança, houver absorvido “os hábitos apropriados por coerção mecânica”. Para o estudioso sardo, além disso, o estudo do latim era fundamental para o conhecimento da língua franca da península, ainda tão pouco difundida em sua época, o italiano, “o italiano é o latim moderno”. Ainda nestes comentários, é o presente a premer pelo estudo do passado, as línguas mortas são partes de uma formação dura, trabalhosa, mas cujos resultados serão, também, mais resistentes.

O leitor ou ouvinte incauto poderá se perguntar se tais virtudes gramscianas não seriam válidas para os longínquos anos 30 do século passado, substituídas pela moleza e facilidades da era digital (cf. Canfora 2001). Com o uso de traduções, já não se precisaria conhecer os originais. Com os programas de tradução, o monoglotia bastaria. Dezesseis horas de estudo por dia, nem pensar! Contudo, Gramsci buscava algo que nenhuma tecnologia moderna pode fornecer: consciência crítica, ou, em suas palavras, *essere se stessi e conoscere se stessi consapevolmente*.

Recentemente, Cláudio de Moura Castro (2001) refletia sobre os valores embutidos na concepção corrente da educação em nosso meio, que valoriza a artimanha, o brilho e o compadrio, em detrimento do estudo.

*“Nossa educação ainda valoriza o aluno genial, que não estuda – ou que, paradoxalmente, se sente na obrigação de estudar escondido e jactar-se de não fazê-lo. O cê-dê-efe é diminuído, menosprezado, é um pobre-diabo que só obtém bons resultados porque se mata de estudar. A vitória comemorada é a que deriva da improvisação, do golpe de mestre”.*

Isto nos conduz à questão central desta intervenção. O abandono da Antigüidade clássica como objeto de reflexão, ou seu conhecimento de segunda mão, leva ao aprofundamento do fosso entre a formação cultural das elites e das massas. O mundo clássico pode aparecer tanto como inspirador da luta pela liberdade e pela igualdade, como pode, mais comumente, servir para justificar o *status quo* patriarcal e opressivo. À elite assimilada ao Ocidente, a Grécia antiga pode significar pureza étnica, superioridade cultural ariana, justificativa da escravidão (Bernal 1994: 121). Esta postura justifica os “homens bons” pelos *aristoi k’agathoi*, o desprezo pelo trabalho pelo culto aristocrático da *skholé* (Wood 1989:1-41), a superioridade racial pela repulsa aos *barbaroi*, de forma que a cultura européia, da elite exploradora, se dissociasse da africana e oriental (Bernal 1991: 213). O latim e o grego, transformados em línguas de dominação, servem para mostrar a superioridade da inflexão, *Umlaut* e *Ablaut* como exemplos da suposta primazia lingüística a justificar a dominação social (Bernal 1993:675).

A invenção e uso de uma Antigüidade clássica opressora é, portanto, muito anterior, mas muito mais persistente, do que os mais conhecidas e criticadas apropriações fascistas de princípios a meados do século XX (Visser 1992; Giordano 1993). As palavras de Carl Schmitt, em 1934, sobre a identificação do déspota com o direito, inspiradas tanto na tirania grega, como no direito imperial romano, retratam bem não apenas os lemas do nazismo como as aspirações de poder de nossos senhores da terra:

*der wahre Führer ist immer auch Richter. Aus der Führertum fließt das Richtertum. In Wahrheit war die Tat des Führers echte Gerichtsbarkeit. Sie untersteht nicht der Justiz, sondern war selbst höchste Justiz (“o verdadeiro Líder é sempre também juiz. Da liderança decorre o direito. Na verdade, a ação do líder já era liderança justiça. Ela não se subordina à justiça, ao contrário, constitui-se na mais alta justiça”, in Hofer 1957:105).*

Não é este o poder discricionário de nossos seculares senhores (cf. Metcalf 1990: 291)? As aristocracias modernas se inspiravam nas antigas



(Wood 1989: 47-8), Napoleão levava para o campo de batalha os clássicos, cuja leitura julgava indispensável (Ferrero 2000).

Mas a Antigüidade não precisa ser arma da opressão, elemento de alienação. Neste sentido, Virgílio vem à mente, lido pelos inconfidentes mineiros, como inspirador da busca da liberdade (Bucólica I, vv. 27-28):

Et quae tanta fuit Romam tibi causa uidendi?  
Libertas, quae, sera, tamen respexit inertem.  
(E qual o motivo tão grande de visitares Roma?  
A Liberdade, que, embora tardia, contudo  
olhou favoravelmente para mim, inerte).

Os inconfidentes sabiam de cor a primeira *Bucólica* virgiliana, de onde retiraram seu lema pela liberdade. Os camponeses espoliados das *Bucólicas* inspiraram a revolta dos mineiros, *totis turbatur agris* (v.6), “com as perturbações em todos os campos” (cf. Moura 1998). *Libertas quae sera tamen*, “A Liberdade, esta, ainda que tardia, contudo olhou favoravelmente para mim, que nada fiz”. A grandeza do mundo antigo, das civilizações grega e romana, assim como outras, está em seu ecletismo, em suas múltiplas origens e características (Bernal 1991). A diversidade cultural antiga pode e deve ser apresentada em contraposição ao discurso da superioridade cultural das elites, no passado e no presente (cf. Funari 1997). Os textos clássicos, lidos com acribia (Canfora 2000:22) e visão crítica, servem para opor-se à opressão (cf. Pachoud 1997).

Os livros didáticos, muitas vezes, adotam uma visão herdeira dos ideais aristocráticos das elites européias e brasileiras, apresentando o “milagre grego” como prova a superioridade de uns poucos e a inferioridade de muitos. Os modelos interpretativos correntes são normativos e holísticos, como se houvesse uma única cultura grega ou romana (aquela da elite), cujos preceitos seriam forjados pela aristocracia e aceitos pelas massas antigas. O trabalho seria, assim, desonroso, do qual se furtariam os bem nascidos e tentariam se livrar os outros (Wood 1989 *passim*). Estes modelos normativos tendem a reforçar uma leitura pouco crítica da História e a reiterar as desigualdades no presente.

Na esteira dos modelos normativos, muitas vezes desaparecem as classes e, *a fortiori*, os conflitos de classe, seja porque não haveria classes no mundo antigo, seja porque conflitos não seriam o motor da História, movida a consenso e submissão dos inferiores aos superiores. Misturaram-se contextos antigos e modernos, como se houvesse essências inefáveis que permitissem afirmar, por exemplo, que a democracia existiu na Antigüidade e no mundo contemporâneo, assim como se pode incentivar não a reflexão histórica, que distinguiria a democracia antiga da moderna, mas que estimula o senso comum da curiosidade.

É possível que o livro didático escape a esses discursos alienantes e conservadores do *status quo*? A pergunta não é retórica, pois não raro se acaba culpando a forma, no caso, o livro didático, por um problema de conteúdo. Os livros são sempre bons, até mesmo os piores livros didáticos. Afinal, leitores ativos, críticos podem ser estimulados a desconstruir qualquer discurso. Não se trata, portanto, de acabar com o livro, mas em lutar por melhores conteúdos, assim como por melhores condições de estudo e de trabalho na escola. A diversidade cultural, um dos grandes *maitre-mots* dos PCNs, está a sugerir um conteúdo menos normativo, menos enredado na História dos vencedores e nas interpretações que privilegiam um passado feito de arreglos entre parceiros de um sistema de compadrio e clientela, em lugar das lutas e conflitos. A diversidade cultural (cf. Vernant in Bebboni 2000: 117) permite que se busque compreender gregos e romanos, mas também outros povos da Antigüidade, aristocratas e guerreiros, mas também camponeses e escravos, homens, mas também mulheres.

A História da Antigüidade surge, então, como elo de ligação constante da realidade atual com suas origens ideológicas. O direito romano, base de nosso sistema jurídico, precisa ser conhecido, para que possa ser relacionado com seus usos no presente (cf. Rossi 2000), como o mostra, a recente tradução ao chinês (*Jornal da Tarde* 9/6/1996, D, p. 7). Na verdade, são todas as nossas instituições a exigir um recuo ao mundo



antigo, sem o qual a compreensão do presente será, no máximo, parcial. Partindo das aporias do cotidiano de nossos estudantes, pode-se chegar à Antigüidade de forma não apenas lúdica e prazerosa, como também e principalmente, *significativa* para a vida desses jovens.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos seguintes colegas: Renata Cardoso Beleboni, Martin Bernal, Ellen Meikins Wood. A responsabilidade pelas idéias, naturalmente, restringe-se ao autor.

## BIBLIOGRAFIA

Beleboni, R. C. *Jean-Pierre Vernant e as Ciências Sociais: a busca pela compreensão do universo mental do homem grego*, entrevista com J.P. Vernant, *Boletim do CPA* 8/9, 115-122.

Bernal, M. 1991 Response do Edith Hall, *Arethusa*, 24, 2, 203-213.

Bernal, M. 1993 Essay review, Paradise Glossed, *Studies in History and Philosophy of Science* 24, 4, 669-675.

Bernal, M. 1994 *The image of Ancient Greece as a tool for colonialism and European hegemony, Social Construction of the Past*, G. Bond and A. Gilliam (eds), Londres, Routledge, 119-128.

Canfora, L. 2000 Elogio della filologia, contro i pedanti e gli incompetenti, *Corriere della Sera*, 15/8/2000, p. 22.

Canfora, L. 2001 Da Gramsci lezioni di latino al ministro, *Corriere della Sera*, 15/3/2001, p.22.

Ferrero, E. 2000 *N. Milão*, Einaudi.

Castro, C.M. 2001 Quem são nossos ídolos?, *Veja*, 6/6/2001, p. 22.

Funari, P.P.A. 1995 *A Antigüidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos*. Campinas, Editora da UNICAMP.

Funari, P.P.A. 1997 Cidadania, erudição e pesquisas sobre a Antigüidade Clássica no Brasil, *Boletim do CPA*, 3: 83-98.

Giordano, F. 1993 Filologi e fascismo. Gli studi di letteratura latina nell' *'Enciclopedia Italiana'*. Nápoles, Arte Tipografica.

Hofer, W. 1957 *Der Nationalsozialismus, Dokumente 1933-1945*. Frankfurt, Fischer.

Metcalf, A.C., 1990 Women and means: women and family property in colonial Brazil, *Journal of Social History* 24,2, 277-298.

Moura, G. 1998 Verso e reverso da Liberdade, Estado de Minas, *Pensar*, 18/4/1998, p.6.

Pachoud, F. 1997 Os antigos podem nos ajudar hoje, *Jornal da USP*, 6 de outubro de 1997, p. 11.

Rossi, G. 2000 *Il ratto delle Sabine*. Roma, Piccola Biblioteca Adelphi.

Rouanet, S.P. 2001 Saudades de Roma, *Folha de São Paulo, Mais!*, 10/6/2001, 15-16.

Vernant, J.P. 1999 Entrevista, *Folha de São Paulo*, 31/10/1999, 5, p. 6.

Visser, R. 1992 Fascist doctrine and the cult of Romanità, *Journal of Contemporary History*, 27, 5-22.

Wood, E.M. 1989 Peasant-Citizen and Slave, *The Foundations of the Athenian Democracy*. Londres, Verso.

Wood, E.M. 1989 Oligarchic "Democracy", *Monthly Review* 41, 3, 42-51.

# Formação de Recursos Humanos em História Antiga no Brasil

Coord.: *Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)*



# LHIA E PPGHC: EQUIPE, INTEGRAÇÃO ENSINO-PESQUISA E INTERDISCIPLINARIDADE

*Regina Maria da Cunha Bustamante*

*Professora de História Antiga do Departamento de História da UFRJ/ IFCS/ LHIA*

## **Resumo:**

*O Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ desenvolve atividades de pesquisa, docência e divulgação do conhecimento em Antigüidade Clássica, a partir de um centro de excelência de produção científica especializado. Sua filosofia de trabalho está baseada em três princípios: equipe, integração ensino-pesquisa e interdisciplinaridade. Como equipe, valoriza-se no LHIA o trabalho coletivo e a cooperação, de tal modo que suas ações são sempre pensadas, organizadas e realizadas em conjunto, integrando professores, pós-graduandos, graduandos e profissionais de áreas afins. Assim sendo, o LHIA apresenta uma atuação dinâmica e bastante positiva de criação, inovação e divulgação da História Antiga no Brasil. Pautando-se igualmente nestes três princípios e ampliando-se os horizontes de ação está sendo gestado um novo programa de pós-graduação: Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC); é um investimento e crença numa dinâmica de trabalho cuja semente vale a pena ser cultivada..*

**Palavras-Chave:** LHIA, UFRJ, História.

## **Abstract:**

*The UFRJ's Laboratory of Ancient History (LHIA) deals with research, teaching and diffusion of the Classical Antiquity's knowledge, from a center of prime specialized scientific production. Its work's philosophy is based in three principles: teamwork, integrating teaching-research, and an interdisciplinary approach. As a team, the LHIA prizes collective work and cooperation, this way its actions are always thought over, organized and acted up to as a body, integrating teachers, graduate students, undergraduates and professionals of related areas. Therefore, the LHIA shows a dynamic and very positive performance of creation, innovation and diffusion of Ancient History in Brazil. Guiding itself*

*equally by these three principles and increasing their scope of action it is being created a new graduate programme: the Graduate Programme in Comparative History (PPGHC); this is an expression of belief and effort in a work dynamic whose seed is worth being cultivated..*

**Abstract:** LHIA, UFRJ, History.

O Laboratório de História Antiga (LHIA) é uma unidade de pesquisa-docência-extensão legalmente formalizada através da aprovação de seu Regimento Interno pela Plenária do Departamento de História do dia 9 de março de 1993 e pela Congregação do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) do dia 10 de março de 1993.

O LHIA visa desenvolver a docência, a pesquisa, a extensão e a divulgação do conhecimento em História da Antigüidade Clássica através de um centro de estudo especializado na UFRJ. Produzir conhecimento em História Antiga Clássica e dialogar com os pesquisadores da área das Ciências Humanas bem como difundir o estudo da Antigüidade são as metas do LHIA, um grupo de especialistas em História Antiga comprometido com a sociedade atual. O LHIA congrega alunos da Graduação e da Pós-Graduação, professores do Setor de História Antiga da UFRJ e de outras instituições relacionadas à Antigüidade que colaboram nas suas múltiplas



atividades.<sup>1</sup> Sua filosofia de trabalho está baseada em três princípios: equipe, integração ensino/pesquisa e interdisciplinaridade.

Como equipe, valoriza-se no LHIA o trabalho coletivo e a cooperação, de tal modo que suas ações são sempre pensadas, organizadas e realizadas em conjunto. No início do ano, estabelecem-se as atividades, os períodos de realização e os professores responsáveis pelas atividades a serem desenvolvidas naquele ano. Organizam-se as equipes para cada evento envolvendo professores, pós-graduandos e graduandos, que trabalharão em conjunto para sua realização: projeto, contatos, convites, programação, divulgação e obtenção de materiais que se façam necessários. O LHIA busca estimular seus membros a planejarem, organizarem e executarem atividades que resultem num crescimento acadêmico, calcado no diálogo, respeito, eficácia e responsabilidade. Há a preocupação de sempre se trabalhar envolvendo “veteranos” e “novatos” para que com a convivência haja intercâmbio e vá se formando continuamente o pessoal. Assim, conseguimos até hoje garantir para o LHIA uma atuação dinâmica e bastante positiva de criação, inovação e divulgação da História Antiga no Brasil.

Em relação à atividade de docência, o LHIA oferece disciplinas para os Cursos de Graduação de História (turnos diurno e noturno) e de Filosofia bem como para o Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) até o

semestre passado (2001/1) e para o novo Programa de Pós-Graduação de História Comparada (PPGHC) a partir do primeiro semestre de 2002. Na atividade de docência na Graduação, os pós-graduandos são integrados ministrando aulas centradas em suas pesquisas e orientando graduandos naqueles temas relacionados aos seus estudos. Procura-se também convidar especialistas em Antigüidade de outras instituições próximas, no caso da UFF e da UERJ, para apresentarem temas das suas pesquisas inseridos na programação da disciplina.

A atividade de pesquisa ocorre integrada à atividade de docência. Não apenas com os professores aplicando os conhecimentos adquiridos durante sua pesquisa individual no decorrer das aulas, mas na formação dos novos pesquisadores. A partir do convívio em sala de aula, os graduandos interessados em História Antiga procuram o LHIA e são encaminhados para a orientação do professor que estiver mais de acordo com a pesquisa que deseja desenvolver. Acreditamos que a curiosidade e o prazer são os melhores caminhos para realizar a pesquisa, por isso, não há imposição do tema de pesquisa pelos professores. O processo deve envolver o graduando desde a escolha pessoal do tema até a sua execução. É um trabalho de base imprescindível para a formação de profissionais na área de História Antiga. No atual currículo de História da UFRJ, que está em vias de reformulação, há as chamadas disciplinas de laboratório que visam a iniciação na pesquisa científica. O LHIA desenvolve um trabalho individualizado de orientação desde a formulação de um projeto de pesquisa até a confecção da monografia de bacharelado. Oferecem-se condições para que o graduando possa realizar sua pesquisa seja através de empréstimos de livros especializados dos acervos do LHIA e dos professores, seja através de grupos de estudos para o aprendizado de idiomas instrumentais modernos (português, inglês e francês) e antigos (grego clássico e latim), essenciais para a leitura da produção historiográfica e da documentação textual. Alguns destes grupos de estudos são coordenados por pós-graduandos e todos estão abertos à comunidade, o que lhes dá também um

<sup>1</sup> Historiadores, arqueólogos, epigrafistas, filósofos e filólogos são considerados pesquisadores colaboradores e contribuem decisivamente para os projetos desenvolvidos pelo LHIA. Em ordem alfabética: Prof<sup>a</sup> Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG - História Antiga e Medieval); Prof. Ciro Flamarion S. Cardoso (UFF - História Antiga); Prof. Carlos Augusto Ribeiro Machado (História Antiga Romana); Prof. Eduardo Lobianco (História Judaica na Antigüidade); Prof. Claudio Prado de Mello (Arqueologia Egípcia); Prof<sup>a</sup> Elaine Antunes (Grego Antigo); Prof. Gilvan Ventura da Silva (UFES - História Antiga); Prof. Jean-Claude Gardin (CNRS - Arqueologia); Prof. José Antônio Dabdab Trabulsi (UFMG - História Antiga); Prof. José d'Encarnação (Universidade de Coimbra - Epigrafia Latina); Prof. Katsuzo Koike (História Antiga Grega); Prof<sup>a</sup> Lívia Lindóia Paes Barreto (UFF - Letras Clássicas); Prof. Manuel Rolph Viveiros de Cabeceiras (UFF - História Antiga); Prof<sup>a</sup> Margaret Marchiori Bakos (PUC-RS - História Antiga); Prof<sup>a</sup>. Margarida Maria de Carvalho (UNESP - História Antiga); Prof<sup>a</sup> Maria da Graça Ferreira Schalcher (UFRJ - Filosofia Antiga); Prof<sup>a</sup> Maria Manuela Ramos de Sousa Silva (UFRJ - Metodologia); Prof<sup>a</sup> Sílvia Damasceno Andrade de Moraes (UFF - Letras Clássicas).



caráter de extensão. Incentiva-se a pesquisa em bibliotecas especializadas nacionais, como as da Faculdade de Letras e do MAE na USP, e internacionais, com as das Escolas Francesas de Atenas e Roma e da Academia Americana em Roma.

As pesquisas desenvolvidas pelos membros do LHIA encontram-se inseridas no projeto coletivo “Identidades e Alteridades no Mundo Antigo”. Alguns graduandos são bolsistas de iniciação científica da FAPERJ e do PIBIC/CNPq. Atualmente, está em andamento um outro projeto coletivo que tem como produto final a elaboração de um CD-Rom com um banco de dados iconográfico temático em Antigüidade Clássica, construído a partir das pesquisas individuais de membros do LHIA, privilegiando, num primeiro momento, os suportes cerâmico e mosaico. Obteve-se o auxílio da webmaster do IFCS, Vânia Polly, bolsista de apoio técnico pela FAPERJ para este projeto, e de dois estagiários do Colégio de Aplicação da UFRJ, participantes do Programa de Iniciação Científica Jr, que objetiva integrar o aluno do ensino médio do CAP a grupos de pesquisa das unidades da UFRJ sob orientação de professores/pesquisadores.

O graduando-pesquisador participa de todas as atividades do LHIA. Ao meu ver, uma das mais produtivas é o “Dialogando com os Pesquisadores”, no qual se debatem anualmente as pesquisas individuais dos membros do LHIA propiciando a troca de informações entre alunos da Pós-Graduação e da Graduação e professores. O encontro promove o intercâmbio e circulação de idéias entre os pesquisadores de nossa equipe e os profissionais tanto de História Antiga de outros centros acadêmicos como de áreas correlatas do conhecimento pertencentes ou não à nossa instituição, procurando assim efetuar a interdisciplinaridade. Para tanto, o estado atual das pesquisas desenvolvidas no LHIA, seja de professores, pós-graduandos e graduandos, é submetido antecipadamente à apreciação crítica dos participantes convidados afim de que seja debatido no decorrer do evento. Com isso, os professores, graduandos e pós-graduandos têm um “olhar” de fora, que certamente enriquecerá sua pesquisa, e, ao mesmo tempo, são

preparados para situações típicas da vida acadêmica como reuniões científicas, exames de qualificações e bancas de defesa. Condizente também com este último objetivo, incentiva-se que graduandos assistam os exames de qualificações e as bancas de defesa dos pós-graduandos, que acaba por fortalecer um espírito de coleguismo e equipe.

Enquanto o “Dialogando com os Pesquisadores” possui um caráter mais interno ao LHIA, o “Ciclo de Debates em História Antiga” possui um caráter mais externo e de âmbito nacional. É o espaço aberto para efetivar o encontro dos pesquisadores em Antigüidade das universidades brasileiras. Objetiva-se propiciar uma discussão interdisciplinar entre a História, a Literatura, a Filosofia, a Arqueologia, a Epigrafia e a Antropologia. Anualmente, seleciona-se uma temática para o evento,<sup>2</sup> que é normalmente dividido em duas atividades: conferências de professores convidados e comunicações dos pesquisadores inscritos, desenvolvidas desde de manhã até a noite durante cinco dias. O “Ciclo de Debates” encontra-se em sua décima primeira realização. O tema deste ano será “Gênero e Sexualidade”, acontecendo entre 17 e 21 de setembro de 2001. O público-alvo consiste basicamente em graduandos e pós-graduandos de História, entretanto as características do evento permitem a participação de todos os interessados em História Antiga e áreas afins, o que situa o evento também como uma atividade de extensão.

Uma outra atividade de mesma natureza são as oficinas temáticas, pensadas para serem meios de atualização de um determinado campo do saber. Organizadas com carga horária de 20h, compreendem conferências e aulas expositivas ministradas pela equipe do LHIA e por especialistas convidados de outras instituições acadêmicas. Têm como público alvo tanto

<sup>2</sup> “A mulher na Antigüidade” (1991), “O homem e a natureza” (1992), “Pensar as diferenças: História e Ciências Sociais” (1993), V Ciclo de debates em História Antiga associado ao VI Encontro Nacional da SBEC (1994), “Práticas Políticas na Antigüidade” (1995), “A experiência do cotidiano na Antigüidade” (1996) e “História Antiga: novas abordagens interdisciplinares” (1997), “Identidade e Alteridade no Mundo Antigo” (1998), “Espetáculos e Festas no Mundo Antigo” (1999) e “Por mares nunca d’antes navegados” (2000).



alunos do IFCS-UFRJ e das outras universidades do Rio de Janeiro como professores dos níveis de ensino fundamental e médio. Para 2001, organizou-se o evento “Violência na História”, desenvolvendo um enfoque interdisciplinar e diacrônico. O evento ocorrerá no período de 26 a 30 de novembro.

Visando promover o encontro dos membros do LHIA com os docentes e alunos dos ensinos fundamental e médio, desenvolve-se o “Projeto Universidade-Escola”. Durante dois meses, professores, pós-graduandos e graduandos do LHIA ministraram aulas centradas na temática “Pensar as diferenças: nós e os antigos” em escolas públicas. O projeto tem como motivação o estudo das sociedades clássicas, destacando-se as relações de cidadania, a participação política e os direitos e deveres dos cidadãos em sua comunidade, a criação de identidade cultural, as relações entre grupos formais e informais, as crises/conflitos e mudanças sociais. O estudo da Antigüidade Clássica desenvolve uma perspectiva de alteridade espacial e temporal que é operada com a intenção de se projetar a reflexão sobre nós e o hoje, ou seja, busca-se estimular e desenvolver um olhar crítico e criativo sobre o social.

A pesquisa histórica, além de desenvolver a capacidade crítica de pensar em si e no outro, procura dar conta do sentido de se viver em sociedade e do que nela se produz. Entretanto, este saber produzido deve ser compartilhado com a sociedade através de diversas estratégias. O LHIA, como produtor de um saber, tem um compromisso social tanto com a formação de profissionais de História Antiga capacitados, críticos e ativos quanto com a divulgação deste saber para a sociedade. Foi justamente pautado neste duplo objetivo de produzir e compartilhar que o LHIA publica anualmente a revista “Phoênix” e, semestralmente, a “Gaia”.

A “Phoênix” é a única revista brasileira especializada exclusivamente em História Antiga, congregando os resultados parciais e finais das pesquisas tanto da equipe do LHIA como de estudiosos da Antigüidade de outros centros acadêmicos. A revista se caracteriza por ser

um espaço isonômico de publicação dedicada a: 1º) Mostrar a originalidade e a singularidade das abordagens historiográficas brasileiras referentes às sociedades antigas; 2º) Estabelecer um lugar de diálogo interdisciplinar entre os historiadores da Antigüidade, brasileiros e estrangeiros, com os demais saberes; 3) Garantir a liberdade de expressão, a diversidade teórico-metodológica, a qualidade científica e o despertar de novos talentos, sendo um lugar por excelência de experimentação, de debate e de crítica acadêmica; 4º) Valorizar a História Antiga numa concepção histórica plural e dinâmica. O seu sétimo número encontra-se em fase de editoração. Inicialmente, custeada pelos próprios autores, a “Phoênix” obteve patrocínio cultural de empresas privadas para sua publicação.

A revista “Gaia” é dedicada à divulgação das pesquisas em História Antiga realizadas por alunos de Graduação. Na mitologia grega, Gaia é a Terra, concebida como o elemento primordial de que descendem as raças divinas,<sup>3</sup> a revista homônima pretende apresentar os seus “frutos mais novos”. Objetiva-se abrir espaço para a divulgação dos primeiros passos das pesquisas em História Antiga e promover debates e críticas aos trabalhos publicados. Os seus editores científicos, a comissão editorial e a equipe técnica são pesquisadores do LHIA (professores, pós-graduandos e graduandos). O LHIA arca com os custos desta atividade.

A internet é um meio do qual não podemos nos furtar de utilizar num mundo cada vez mais interligado por esse extraordinário recurso de comunicação. Para tanto, o LHIA, desde o segundo semestre de 1997, abriu um *site*: [www.lhiaufrj.com.br](http://www.lhiaufrj.com.br), custeado com recursos dos próprios professores. Revelou-se um canal intenso de comunicação com diversos segmentos do ensino e da pesquisa histórica no Brasil ao longo de sua disponibilidade na rede. Buscando alcançar um maior número de pessoas, encontra-se em versão bilíngüe: português-inglês.<sup>4</sup>

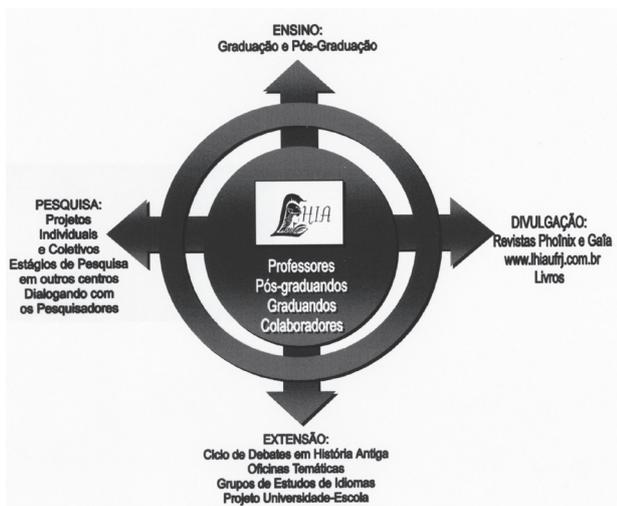
<sup>3</sup> GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. trad. V. Jabouille. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997. p. 182.

<sup>4</sup> O trabalho de versão para o inglês foi efetuado por Karine Dull Sampaio (então graduanda) e Adriene Baron Tacla (então mestrande).



Os objetivos são: divulgar o trabalho do LHIA, conceder aos interessados em Antigüidade um espaço de debates e esclarecer dúvidas sobre História Antiga. Oferecemos acesso aos trabalhos da nossa equipe e agenda de eventos internos e externos ao LHIA. Além de divulgar as atividades do LHIA, fornecemos links aos internautas interessados em Antigüidade. Dinamismo e interatividade pautam o nosso site.

Por fim, pós-graduandos e professores do LHIA, desde 1998, vem publicando livros com os resultados de suas recentes atividades de pesquisa. Dos seis livros publicados, um é resultante das conferências proferidas durante o curso de extensão “Sociedade e Religião na Antigüidade Oriental”, promovido pelo LHIA em 1999. Os outros foram frutos dos trabalhos individuais de pesquisa,<sup>5</sup> da dedicação e da competência de seus autores<sup>6</sup>, que compartilham assim o seu conhecimento e abrem-se para o diálogo com a sociedade e a comunidade científica. Alguns conseguiram patrocínio cultural e os outros foram custeados pelos próprios autores.



<sup>5</sup> CHEVITARESE, A. L., RIBEIRO, R. S., ARGÔLO, P. F. (org.). *Sociedade e religião na Antigüidade Oriental*. Rio de Janeiro: Fábrica do Livro – SENAI, 2000.

<sup>6</sup> THEML, N. *O público e o privado na Grécia do VIII século ao IV século a. C.: o modelo ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998; MOURA, J. F. de. *Imagens de Esparta; Xenofontes e a ideologia oligárquica*. Rio de Janeiro: Fábrica do Livro – SENAI, 2000; LIMA, A. C. C. *Cultura popular em Atenas no V século a.C.* Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000; LESSA, F. de S. *Mulheres de Atenas; méllisa do gineceu à agorá*. Rio de Janeiro: LHIA/IFCS, 2001; ANDRADE, M. M. de. *A cidade das mulheres; cidadania e alteridade na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: LHIA/IFCS, 2001; CHEVITARESE, A. L. *O espaço rural da pólis grega; o caso ateniense no período clássico*. Rio de Janeiro: Fábrica do Livro – SENAI, 2001.

A experiência do LHIA frutificou em outros centros de pesquisa e em profissionais que hoje se dedicam ao ensino e pesquisa em instituições acadêmicas brasileiras. Tendo como base os três princípios: trabalho em equipe, integração ensino-pesquisa e interdisciplinaridade e ampliando-se os horizontes de ação está sendo gestado um novo programa de pós-graduação em História da UFRJ: Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC).

O PPGHC foi pensado a partir da experiência do grupo em trabalhar junto debatendo entre si os seus projetos de pesquisas e da análise minuciosa de textos sobre interdisciplinaridade e história comparada<sup>7</sup>. Após esta etapa, a equipe se viu em condições de propor um novo programa de pós-graduação. Alguns pontos nortearam os debates e as reuniões da equipe, entre eles estavam: 1º - as imbricações sociais levam o pesquisador a percorrer outras áreas do conhecimento – História, Antropologia, Arqueologia, Filosofia, Filologia, Psicologia e outras; 2º - sozinho o pesquisador e especialista numa área ou sub-área não dá conta destas imbricações e perde este aspecto plural do seu objeto; 3º - a interdisciplinaridade não descaracteriza os procedimentos teóricos e metodológicos de cada um dos campos do saberes em Ciências Sociais ou Humanas; 4º - é pertinente a ampliação e a experimentação das práticas metodológicas da interdisciplinaridade e comparação; assim, a criação do programa abrirá um espaço experimental para pesquisadores que desejassem ultrapassar os obstáculos que entravam a pesquisa interdisciplinar e a comparação em

<sup>7</sup> SIMIAND, F. “Méthode Historique et Science Sociale”. In: *Méthode historique et sciences sociales*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 1987. pp. 113-169; DAVILLÉ, L. “La comparaison et la méthode comparative, en particulier dans les études historiques”. *Revue de Synthèse historique* 27 (79-80): 4-33, 1913; FEBVRE, L. Une esquisse d’histoire comparée. *Revue de Synthèse historique* 25: 151-152, 1924; BLOCH, M. “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”. *Melanges historiques*. v. 1. Paris: EHESS, 1983. pp. 16-40; SEWELL, W. H. “Marc Bloch and the logic of comparative history”. *History and Theory* 6 (2): 208-218, 1967; THRUPP, S. “Editorial”. *Comparative Studies in society and History* 1 (1): 1-4, octobre, 1958; GREEN, N. L. “L’histoire comparative et le champ des études migratoires”. *Annales ESC* 6: 1335-1350, nov.-déc. 1964; DETIENNE, M. *Comparer l’incomparable*. Paris: Seuil, 2000; TRABULSI, J. A. D. *Ensaio sobre a mobilização política na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001; VERNANT, J.-P. *Entre Mythe et Politique*. Paris: Seuil, 1996.



História; 5º - a equipe do PPGHC estará comprometida em compreender como salutar e criativa a convivência com as variáveis teóricas, temporais e espaciais de cada pesquisador. A equipe entende ainda que estas variáveis são as que produzem as diferenças entre os pesquisadores e que eles não serão hierarquizados em nenhum tipo nem forma; ao contrário, a convivência com a diferença é que produz a criação de novos objetos e conhecimentos; 6º - haverá interdisciplinaridade e comparação mantendo-se a liberdade de pensar e o interesse de cada um e construindo-se um “campo do exercício de experimentação”<sup>8</sup> interdisciplinar e de história comparada; 7º - a interdisciplinaridade e a comparação não se atêm exclusivamente às semelhanças ou permanências elas permitem que se observem as singularidades temporais e espaciais; 8º - a equipe do novo programa manterá as divisões reconhecidas nas Ciências Humanas ou Sociais: Antropologia, Arqueologia, Filologia, Filosofia e outras, e, em relação à História, manter-se-ão as especificidades temporais e espaciais também reconhecidas: História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea e História do Brasil, História da América, História da África e outras. O Corpo Docente do PPGHC por sua experiência em pesquisa, ensino e formação de pesquisadores, por sua vocação interdisciplinar e de história comparada, acredita ser possível criar um lugar e um espaço de reflexão e criação de uma nova perspectiva de se operar com o conhecimento das sociedades. É um investimento e crença numa dinâmica de trabalho cuja semente vale a pena ser cultivada.

<sup>8</sup> DETIENNE, M. *Comparer l'incomparable*. Paris: Seuil, 2000. Cap. II: “O campo de exercício de experimentação” resulta da construção de conjuntos de problemas sociais sugeridos pelos pesquisadores através das condições de suas pesquisas. O essencial a partir desta etapa é de: 1º - esquecer que “progresso anda na mesma direção ou se existe progresso”; 2º - que “se irá conhecer sociedades possíveis e impossíveis”; 3º - “que a comparação é singular e plural”; 4º - “percorrer tanto as sociedades antigas quanto as atuais, as simples e as complexas”; 5º - “colocar em perspectiva as singularidades, as repetições, o tempo e o espaço”.



# ATIVIDADES DE FORMAÇÃO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM HISTÓRIA ANTIGA

Margarida Maria de Carvalho

Professora de História Antiga do Departamento de História da UNESP - Franca

## Resumo:

Nestes últimos dez anos (1990 – 2000) tentamos construir uma tradição em termos de pesquisa em História Antiga e Arqueologia Clássica no Departamento de História da UNESP – Franca. Nosso objetivo, neste artigo, é apresentar como essas atividades vêm sendo desenvolvidas a fim de suscitar um debate acadêmico sobre os caminhos trilhados e as perspectivas de investigação elaboradas. Nesse sentido indicaremos as conferências, mesas redondas, comunicações e mini cursos proferidos nesse período por estudiosos de várias universidades brasileiras em nosso Campus. E, principalmente, todos os alunos que orientamos em Iniciação Científica, muitos dos quais, ao término do curso de graduação, prosseguiram com seus estudos na pós-graduação. Enfim pretendemos delinear como temas da antiguidade clássica têm sido analisados e os aspectos que mais chamam a atenção de nossos alunos.

**Palavras-Chave:** Atividades; História Antiga; UNESP-Franca.

## Abstract:

In these last 10 years (1990-2000) we tried to construct a tradition around Ancient History and Classical Archaeology in the Department of History in UNESP-Franca. Our aim in these article is to show how these activities have been developed in order to provoke an academic debate about the ways and the investigation perspectives we elaborated. In his way we will demonstrate the lectures, communications, courses and addresses delivered, in that time, for specialists from some Brazilian universities in our Institution. We want to show, chiefly, every students we guided in Scientific Initiation and how many of them are studying in some pos-graduations here in Brazil. Finally we intend to describe which subjects of classical antiquity have been analyzed and the aspects our students like most.

**Keywords:** Activities; Ancient History; UNESP-Franca

Com o intuito de desenvolvermos o debate acadêmico em torno de pesquisa e ensino em História Antiga nos cursos de graduação em História no Brasil, apresentarei as principais atividades relativas ao tema exercidas nos últimos dez anos (1990 – 2000), na faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP – Franca -SP.

Antes de cumprir meu principal propósito, penso ser interessante citar que em 1997, em ocasião do XIX Simpósio Nacional de História - Anpuh – *História e Cidadania*, os Profs. Drs. Norberto Luiz Guarinello (Departamento de História - USP), Pedro Paulo Abreu Funari (Departamento de História - UNICAMP) e o Prof. Claudiomar dos Reis Gonçalves (Departamento de História) formaram uma mesa redonda intitulada *Os Caminhos e Desafios do Ensino e Pesquisa em História Antiga no Brasil* onde já apontavam suas experiências e pontos de vista acerca do assunto, tendo como base suas atividades acadêmicas em suas respectivas Também em dezembro de 2000, quando do acontecimento da Anpuh Regional do Espírito Santo, os Profs. Drs. Fabio Faversoni (Departamento de História da UFOP), Gilvan Ventura da Silva (Departamento de História da UFES) e a Profa. Ana Teresa Marques Gonçalves (Departamento de História da UFG), compuseram uma mesa redonda denominada, *Os Desafios de Pesquisa e Ensino em História Antiga no Brasil*, denunciando, outrossim,



suas práticas de magistério e pesquisa em suas universidades. Todos os professores, especialistas em Arqueologia Clássica e ou História Antiga mencionados, anteriormente, relataram, fundamentalmente, além de seus exercícios docentes, a necessidade de conhecimento em línguas estrangeiras e línguas mortas para o desenvolvimento da pesquisa em Antiguidade, os periódicos nacionais existentes sobre o tema, os baixos salários pagos aos profissionais da área, a produção de livros didáticos ainda com problemas bastante sérios e as circunstâncias em que se encontram as pós-graduações em Antiguidade nas chamadas universidades periféricas. Estes, dentre outros assuntos, foram alguns dos alvos ressaltados que nos inspiraram a relatar nossas atividades e práticas, na área, na UNESP - Franca.

Minha entrada para o Departamento de História da UNESP – Franca ocorreu em abril de 1990 através de concurso público na disciplina *História Antiga*. Como era vista semelhante a um fardo nas mãos de profs. especialistas em História do Brasil, o Departamento de História, também, sob pressão dos alunos do curso de História da turma de 1989, resolveu pleitear junto à Reitoria concurso relativo à cadeira História Antiga, tendo como objetivo principal um especialista neste campo.

A partir, então, de meu ingresso, apesar de algumas dificuldades inerentes à dinâmica do tema, ainda visto, muitas vezes, com bastante estranhamento por parte de especialistas em História do Brasil e América Latina, as atividades em História Antiga começaram a se desenvolver e a proliferar.

Para a grande surpresa do Campus de Franca, houve sempre um grande interesse da parte do corpo discente em participar das atividades relacionadas à área, ou seja, dos cursos oferecidos na grade curricular, das conferências, palestras e mini cursos administrados por mim e por meus convidados de outras instituições de ensino. Assim sendo em junho de 1990 convidei, com o apoio do Departamento de História, o prof. André Leonardo Chevitaese (que se doutorou no segundo semestre de 1997, pelo De-

partamento de Antropologia da USP), prof. do Departamento de História da UFRJ, para proferir a conferência *Limites da Democracia Ateniense*, cujo público chegou a mais de 150 pessoas entre discentes e docentes de nossa faculdade.

Em outubro de 1992, eu e três colegas, inauguraríamos nossa presença nas semanas de História do Campus. Num evento denominado *Fazer a América*, elaboramos uma comunicação coordenada denominada *O Teatro na Antiguidade Clássica*, composta com a minha presença e com a entusiasmada participação dos profs. André Leonardo Chevitaese (UFRJ), Fabio Faversani (UFOP – que se doutorou em abril de 2001) e pela profa. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG). Os temários desenvolvidos seguem a ordem dos autores aludidos: *O Perfil Feminino na Comédia Aristofânica: Uma Análise sobre Lisístrata, Virtudes e Aceitação Social da Mulher Ateniense nas Tragédias de Sófocles e Eurípidas, Os Pobres na Comédia e na Sátira Latinas e As Imagens Estóicas na Fedra de Sêneca*. A partir daí, marcaríamos presença constante em demais comunicações coordenadas das subsequentes Semanas de História bianuais até 1998, com um público estudantil fiel e crescente.

Quando da ocasião da *X Semana de História Quatro Décadas de Brasil (1954 – 1994)*, coordenada pela Profa. Dra. Laima Mesgravis, consegui apoio para efetuar uma mesa redonda intitulada Pesquisa e Pós-Graduação em História Antiga: Grécia e Roma, com a participação das Profas. Dras. Neyde Theml (do Departamento de História da UFRJ) e Maria Luiza Corassin (do Departamento de História da USP), despertando a curiosidade de vários de nossos alunos em conhecer o que significava uma pós-graduação nesse campo de conhecimento.

A partir de 1996, com a entrada, por meio de concurso público da Profa. Maria Celeste Fachin ao Depto. de História, o setor de História Antiga tomou uma nova dimensão. Com mestrado em numismática pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP, a profa. Celeste impulsionou o interesse de nossos alunos na área de Arqueologia Clássica. Desta forma sentimos, eu, profa. Margarida e a profa. Celeste, a mon-



tar, na *XI Semana de História: História: Objetos e Investigações*, em outubro de 1996, uma mesa redonda denominada *História Antiga e Arqueologia Clássica*, que contou com o apoio da coordenadora da Semana, Profa. Dra. Márcia D'Aléssio, e com a presença efetiva da referida Profa. Maria Celeste que apresentou *A Numismática e seus Métodos no Estudo da História Antiga* e os Profs. Drs. Norberto Luiz Guarinello (USP) e Pedro Paulo Abreu Funari (UNICAMP) apresentando, respectivamente, *Encontros e Incompreensões no Estudo da Arqueologia Clássica e da História Antiga e Considerações em torno de algumas Inscrições Pompeianas*. Nesse evento ofereceríamos, igualmente, o mini-curso *História da Mulher na Antiguidade* ministrado por mim, pelo Prof. Gilvan Ventura da Silva (UFES) e pela profa. Ana Teresa Gonçalves (UFG), com lotação esgotada.

Ainda em novembro de 1996, com o apoio da Vice Diretora do Campus, Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira da Veiga Gaeta e a convite da profa. Celeste, tivemos a conferência *A Religião no Egito Antigo: Deuses, Mitos e Práticas Religiosas*, proferida pelo Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Júnior, egiptólogo formado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Tal conferência contou com mais de 150 ouvintes entre alunos e professores dos três cursos do Campus: História, Direito e Serviço Social.

Em 1997, conseguimos, eu e a profa. Celeste, com o apoio da Comissão de Extensão e Assuntos Comunitários do Campus, organizar o *Ciclo de Conferências em Antiguidade Clássica*. Tendo como convidados o Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha (do Departamento de História da UNESP – Assis) que nos brindou com a conferência *Internet e História Antiga*, a Profa. Dra. Maria Beatriz Florenzano (MAE–USP) com o trabalho *Moeda e Magia no Mundo antigo* e o Prof. Fabio Faversoni (UFOP) com sua análise intitulada *Sêneca, o Imperador Nero e o Estoicismo*. O Ciclo obteve grande sucesso e, na ocasião, prometeríamos aos nossos alunos que outros ciclos viriam com a participação de diversos profissionais de História Antiga e Arqueologia Clássica de todo o Brasil.

Finalmente, em 1998, na *XII Semana de História intitulada Os Destinos do Brasil*, sob a presidência do Prof. Dr. Alberto Aggio, faria parte da mesa redonda *Classicismo, Medievalismo e Modernidade na Formação do Historiador* com o temário *Classicismo na Formação do Historiador*, assunto esse, objeto de nossa constante preocupação, já apresentado em alguns eventos sobre História como mencionei no início dessa comunicação.

Outrossim, *Os Destinos do Brasil*, contou com o mini-curso *Historiografia Greco-Romana* ministrado pela profa. Celeste, “prata da casa”, pelo prof. Fabio Faversoni (UFOP) e pela profa. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG). Este mini-curso também teve sua lotação esgotada.

Afora todas essas atividades arroladas anteriormente, que se revelam como uma grande conquista de nossa parte, vimos desempenhando um importante trabalho em termos de pesquisa em Iniciação Científica.

No período de 1990 a 2000, eu e a profa. Maria Celeste Fachin, as duas professoras de História Antiga do Campus de Franca, obtivemos 4 monitores em nossas disciplinas, sob minha supervisão, Valéria Aparecida Vaz (1991), Andrei de Souza Santos (1992) e Luciana Frateschi Correia (1995) e, sob a da profa. Celeste, Poliane Vasconi dos Santos (1997): 4 Bolsistas PIBIC – CNPq – UNESP-Franca, dois sob minha tutela, José Adilson D'all Antonia Júnior (1996-1997) e André Luís Tavares (1998) e duas sob a da profa. Celeste, Poliane Vasconi dos Santos (1998-1999) e Maria Augusta de Oliveira Pimentel (2000) e orientamos de 1996 até 2000, 23 Trabalhos de Conclusão de Curso, envolvendo temas relacionados à Antiguidade Clássica e Oriental. São estes, a saber:

### **1) Orientandos da Profa. Margarida Maria de Carvalho:**

#### **1996:**

- a) Andréia Cristina Costa: *Utopia em Aristófanes: Praxágora, a Dominadora da Agora*;
- b) Flávia Rodrigues Vieira: *O Mito do Herói na Peça Agamêmnon de Ésquilo*
- c) Glaydson José da Silva: *Mulher e Casamento na Época de Augusto*;



d) Maria de Fátima Limonte: *A Eletra de Eurípidés x o Papel Social da Mulher Tradicional Ateniense* e

e) Renata Cardoso Beleboni: *As Eumênides e a Manifestação Político-Jurídica Ateniense*.

**1997:**

a) Alessandro Ribas de Souza: *A Escravidão Ateniense através da Visão de Aristóteles*;

b) José Adilson D'all Antonia Junior: *Os Persas de Ésquilo e o Momento Político Ateniense*

c) Ricardo Moraes Scatena: *Crítica Interna na Democracia Grega em os Os Acarnenses de Aristófanés*.

**1998:**

a) Alexandre Drummond: *Sêneca e a A Tranqüillidade da Alma*.

**1999:**

a) Andréia Cristina Pereira: *A Mulher Romana na Fênix de Sêneca*;

b) Dalila Cacília Candido: *Uma Leitura sobre a Res Gestae Divi Augusti Ideologia e Propaganda*;

c) Juliana Cunha de Melo: *A Mulher em a A Vida dos Doze Césares de Suetônio*;

d) Lindinara Vieira: *Ovídio, a Arte de Amar e o Papel da Mulher na Sociedade Romana*.

**2) Orientandos da Profa. Maria Celeste Fachin:**

**1998:**

a) Carolina Kesser Barcelos: *Expressões Mitológicas na Cultura Material Grega*;

b) Roberto Revelino Rezende: *Discurso Historiográfico e Representações Históricas em Tucídides: Uma Leitura*

**1999:**

a) Cristiane Demarchi: *Mithoy e Logein: Transformações na Representação do Universo Mítico Grego*;

b) Daniela Bracioli Dantas: *Os Symposia Gregos: A Comensalidade Grega e as Formas de Sociabilidade*;

c) Orlando André Faustino: *O Eclipse da Tradição Homérica na Grécia Arcaica*;

d) Patrícia Andrade Ferreira: *O Casamento na Grécia Antiga: A Evidência das Fontes*;

e) Poliane Vasconi dos Santos: *A Mágica dos Objetos: Um Estudo do Material Funerário Egípcio à Luz das Fontes Textuais*.

f) Raquel Santana Silva: *Funções Sociais Femininas na Antiguidade Grega: O Testemunho das Fontes*.

**2000:**

a) Cleide Berlanda Cuistódio da Silva: *O Oikos em Xenofonte: Um Estudo da Vida Comum - A Mulher na Antiguidade*;

b) Maria Augusta de Oliveira Pimentel: *Homens e Deuses - a Humanidade Divina: Atena e Hefesto*

Desses 23 alunos em Iniciação Científica, seis seguiram pós-graduação em História Antiga e/ou em Arqueologia Clássica: um na pós-graduação em História Econômica da USP, Andrei de Souza Santos, com o Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello; dois no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Carolina Kesser Barcelos, com a Profa. Dra. Elaine Hirata e Ricardo Moraes Scatena, com a Profa. Dra. Maria Beatriz Florenzano; três, Renata Cardoso Beleboni, Glaydson José da Silva e Maria Augusta Oliveira Pimentel, na pós-graduação em História da UNICAMP com o prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari e, por último, Poliane Vasconi dos Santos na pós-graduação em História da UNESP – Assis com o prof. Dr. Ivan Esperança Rocha. Outros estão aguardando, após conseguirmos nossos títulos de Drs., nossa entrada na pós-graduação em História da UNESP-Franca para continuarem seus estudos, qualificando-se como mestres e doutores na área.

À guisa de adendo, é relevante ressaltarmos também o espaço obtido para publicação de artigos em História Antiga e Arqueologia Clássica nas revistas de História da UNESP, o qual, antes de 1993, era praticamente inexistente.

Assim sendo, procurei sistematizar as publicações em história antiga formulando dossiês de artigos de bom nível e buscando suas aprovações para publicação. Seguindo esta lógica foi publicado na *História*, vol.12, 1993, um primeiro dossiê sobre *Mulheres na Antiguidade*, cujo caráter compósito foi incluso num dossiê maior, denominado *Mulheres*. Neste a revista contou com um artigo do Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso (do departamento de História da UFF) sobre *Algumas Visões da Mulher na Literatura do Egito Faraônico (II milênio a.C)*, outro do Prof. André Leonardo Chevitarese (UFRJ) acerca de *Casamento e Descendência na Grécia Antiga* e o terceiro de minha autoria em conjunto com a Profa. Ana Teresa Gonçalves (UFG) versando sobre *Mulher Romana e Casamento na Obra de Apuleio*.



Em futuros volumes do mesmo periódico, marcamos nossa posição com dossiês específicos em antiguidade. No volume 15 de 1996 foi publicado um conjunto de artigos denominado *Cultura Material e Literatura na Roma Antiga* composto por cinco especialistas no tema: eu, profa. Margarida Maria de Carvalho, com o artigo *Política e Cidade na Filosofia Mística do Imperador Juliano*; o Prol Dr. Carlos Roberto de Oliveira (do Departamento de História da UUNESP – Assis), com *Vetus Novus: Passado e Presente na Construção do Discurso Político em Roma (96 – 112 d.C.)*. O Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello (USP), com *Visões de uma Crise: Arqueologia e a Itália sob o Principado*, o Prof. Fabio Favarsani,(UFOP), com *A Tipicidade de Trimalchio* e a Profa. Regina Maria da Cunha Bustamante (do Departamento de História da UFRJ ), com *História e Arqueologia: Desvelando a África do Norte Romana no Baixo Império Romano*.

A façanha repetir-se-ia no volume 18/19 do ano de 1998/1999, com o dossiê *Roma Antiga*, agora ilustrando os resultados de pesquisa dos Profs. Drs Pedro Paulo Abreu Funari (UNICAMP) com o tema *Propaganda, Oralidade e Escrita em Pompéia*, Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ), com *Construção da História da África Romana: Historiografia “Colonizada” x Historiografia “Descolonizada*, Norma Musco Mendes (do Departamento de História da UFRJ), com *Baixo Império: Queda do Nível de Complexidade Social*, Gilvan Ventura da Silva (UFES), com *A Configuração do Estado Romano no Baixo Império* e a Profa. Ana Teresa Gonçalves (UFG), com *Hliogábalos: Culto Oriental e Oposição Senatorial*.

Outro periódico onde começamos a firmar nosso comparecimento foi a revista semestral *Estudos de História* do programa de pós-graduação do curso de História da UMESP – Franca. No volume 1, n.2, encontra-se o artigo *Filantropia e Política Financeira na Obra do Imperador Juliano (361-363d.C.)*, de minha autoria. No volume 4 n.2, 1997, organizado pela Profa. Dra. Márcia d’Aléssio e por mim, foi publicada uma coletânea de textos apresentada durante a XI Semana de História (UNESP – Franca). Abrimos

o volume com artigo de minha autoria, do Prof. Gilvan Ventura da Silva (UFES) e da profa. Ana Teresa Gonçalves (UFG) denominado *Sobre as Representações Femininas da Antiguidade*. Ainda no mesmo volume fomos brindados com o texto de autoria do Prof. Dr. Pedro Paulo Funari (UNICAMP) chamado *Aspectos da Cultura Popular Antiga: Apresentação, Tradução e Discussão de alguns Grafites Pompeianos*.

Finalmente, com o apoio de nossa coordenadora da pós-graduação, Porá. Dra. Ida Lewcovich e através de seu convite, foi publicado o artigo do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (UFES) sobre *Constâncio da Mística Imperial no século iv d.C.*, no vol.7,n.1 do ano 2000, para compor o dossiê *Religião*.

Não tenho dúvidas que muito ainda há para se realizar. Ainda que pesem as extremas dificuldades financeiras, lutaremos sempre com o fito de construir um pólo de pesquisa e ensino para graduação e pós-graduação em História Antiga Arqueologia Clássica. Eu e a Profa. Maria Celeste Fachin pretendemos, após a obtenção de nossos títulos de Doutoradas, além de continuar exercendo as atividades mencionadas, desenvolver nossos trabalhos de orientação em nível de Mestrado e Doutorado, fundar um núcleo de estudos em Antiguidade Clássica, cuja base já será alicerçada a partir do ano 2002, elaborar coletâneas sobre temas diversos e eventos direcionados à Antiguidade, dentre outras atividades de destaque.

Mais uma vez, sou tentada a sublinhar que as dificuldades e intempéries são muitas, mas vale a crença de que podemos fazer História Antiga no interior de São Paulo e em qualquer lugar do Brasil, desde que haja esforço, dinâmica e boa vontade.

Para tanto, contamos com o apoio da maioria dos professores aqui citados e demais especialistas de nosso pis que venham a participar de nossas atividades e práticas futuras.

# A Produção Intelectual em História Antiga no Brasil

Coord.: *Fábio Duarte Joly (USP)*



# PROPOSTA DE BANCO DE DADOS EM HISTÓRIA ANTIGA

*Fábio Duarte Joly*

*Pós-Graduando em História - FFLCH/ USP*

## **Resumo:**

*Este artigo apresenta uma proposta de banco de dados para reunir a produção acadêmica em História Antiga no Brasil, com o intuito de possibilitar uma maior integração entre os pesquisadores.*

**Palavras-Chave:** *História Antiga, Banco de Dados, Produção Acadêmica.*

## **Abstract:**

*This paper presents a proposal of a database to gather the academic production in Ancient History in Brazil, with the intention of making possible a larger integration among the researchers..*

**Keywords:** *Ancient History, Database, Academic Production.*

É perceptível nos últimos anos o aumento da produção acadêmica na área de História Antiga no país, fato observável na quantidade sempre crescente de publicações em forma de livros ou artigos e, principalmente, na realização de dissertações e teses universitárias. No entanto, a circulação desse material permanece restrita a círculos pequenos, muitas vezes por causa da ausência de uma política de divulgação. Como resultado desse contexto, assiste-se a uma pouca integração dos centros de pesquisa de História Antiga no Brasil, afetando a troca de informações e discussão de linhas de pesquisa em andamento.

Ciente desse quadro, o Grupo de Trabalho de História Antiga, instituído na ANPUH, desde sua criação no início de 2001, tem como um de seus mais prementes objetivos a confecção de um banco de dados que permita minimizar a distância entre os pesquisadores nacionais, permitindo uma integração ao disponibilizar pela Internet o conjunto da produção acadêmica brasileira e criando assim condições iniciais para um debate interno. Ademais, um tal banco de dados permitiria que essa produção fosse divulgada para além do âmbito da universidade, contribuindo para informar, por exemplo, a confecção de material didático para os ensinamentos fundamental e médio.

O que se apresenta a seguir é uma proposta de banco de dados que procura contemplar tanto a produção já existente quanto aquela em desenvolvimento nos centros de pesquisa no Brasil. Para tanto, tal banco divide-se em três partes:

## **1) Publicações (autores nacionais e autores estrangeiros que tenham livros ou artigos publicados no Brasil)**

- a) Livros;
- b) Artigos;
- c) Resenhas.

Busca por autor, título, editora, periódico, assunto.



## **2) Produção Acadêmica (constando resumos e palavras-chaves)**

- a) Teses;
- b) Dissertações;
- c) Trabalhos de conclusão de curso.

Busca por autor, título, instituição, orientador, palavras-chaves.

## **3) Linhas de pesquisa**

a) Projetos de pesquisa em andamento (título, resumo e palavras-chaves);

- b) Autor;
- c) Instituição;
- d) Orientador.

Busca por autor, orientador, instituição e palavras-chaves.

Cabe lembrar que estará disponível uma lista de *e-mails* dos pesquisadores cadastrados e que se pensa em cobrir o período de tempo entre 1990 e 2001, intervalo que compreende a maior parte da produção.

Pretende-se implementar a proposta acima sugerida entre o segundo semestre de 2001 e o primeiro semestre de 2002, sendo que quaisquer críticas e sugestões que contribuam para o aperfeiçoamento e funcionamento do banco de dados serão sempre bem-vindas.



# A HISTÓRIA ANTIGA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA NO BRASIL

Fábio Faversani

Professor de História Antiga do Departamento de História da UFOP

## Resumo:

*O presente trabalho apresenta os resultados parciais de uma sondagem que vem sendo realizada junto aos cursos de graduação em História para identificar o perfil do ensino de História Antiga. Estão sendo pesquisados principalmente o perfil dos professores, das disciplinas e da bibliografia de História Antiga.*

**Palavras-Chave:** História Antiga, Graduação, Currículo.

## Abstract:

*The following work presents the partial results of a survey that is being developed close to graduation courses in History, in order to identify the profile of teaching of Ancient History. It has been researching mainly the profile of Professors who teaches the disciplines and also the bibliography on Ancient History.*

**Keywords:** Ancient history, Graduation, Curriculum.

Esse trabalho apresenta os dados parciais e conclusões preliminares de um trabalho que vem sendo conduzido por mim e por um aluno meu, Jonas Regino Alves. Nosso objetivo é traçar um perfil da História Antiga nos cursos de graduação, pensando três eixos: o que é oferecido, quem oferece, qual o perfil do que se oferece. Para tanto, criamos um questionário que foi enviado a todos os cursos de graduação em História do país. A remessa foi feita por correio

convencional e por e-mail. Além disso, fizemos contatos telefônicos visando reduzir o índice de não resposta.

Com base na proposta de traçar o perfil da disciplina História Antiga, ministrada em diversas instituições de ensino superior do Brasil, definiu-se a seguinte rotina:

1. Levantamento do número de instituições de ensino superior que oferecem o curso de História, através de consulta de dados do INEP e à Internet;
2. Elaboração de questionários próprios;
3. Estabelecimento de contato com estas instituições através de correios eletrônicos, telefonemas e correspondências;
4. Recepção dos dados contidos no questionário, enviado às instituições;
5. Tabulação e análise dos dados obtidos.

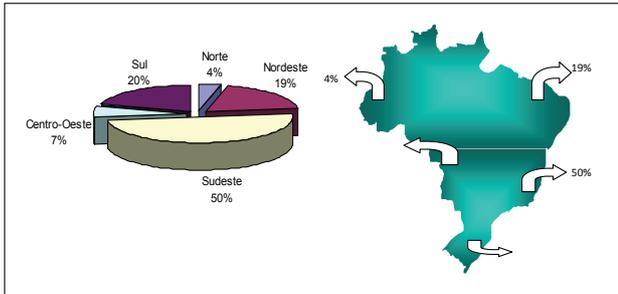
As três últimas etapas ainda estão em andamento.

O questionário foi construído em cima de alguns eixos:

1. Nome dos professores de História Antiga;
2. Se os professores de História Antiga possuem curso de especialização nesta área ;
3. Quais as disciplinas obrigatórias do currículo em História Antiga (título/carga horária);
4. Quais as disciplinas eletivas/optativas em História Antiga (título/carga horária);
5. Há quanto tempo os professores ministram a disciplina História Antiga;
6. Quais os programas e bibliografias utilizados pelos professores.

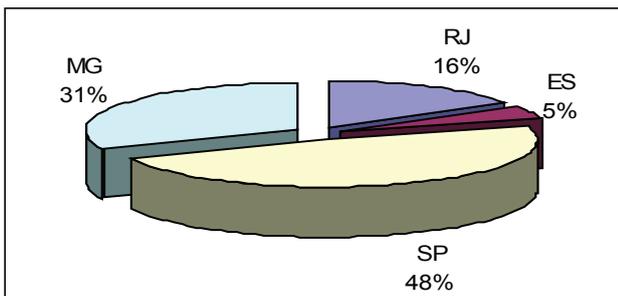


O questionário mencionado foi enviado para 205 Instituições de Ensino Superior do Brasil. Dessas, apenas 44 Instituições responderam ao mesmo, perfazendo cerca de 21,46% do total de Instituições. A distribuição das instituições que possuem o curso de graduação em História, separado pelas regiões Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, perfaz os seguintes índices:



**Figura 1.** Número de instituições que possuem o curso de graduação em História no território nacional

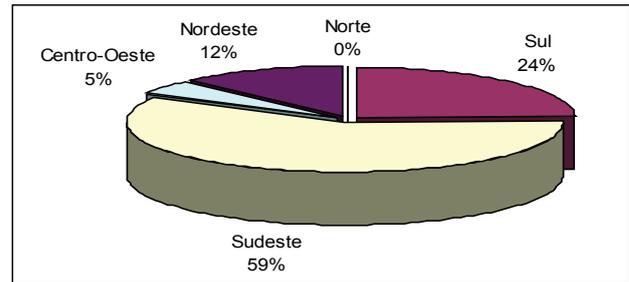
De acordo com esses números, nota-se que 50% das instituições de ensino superior que oferecem o curso de História estão localizadas na região Sudeste do Brasil. Destas instituições, 48% estão instaladas no estado de São Paulo, 32% em Minas Gerais, e os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo representam os 21% restantes, como nos mostra o gráfico da figura 2:



**Figura 2.** Número de instituições distribuídas pelos estados da região Sudeste.

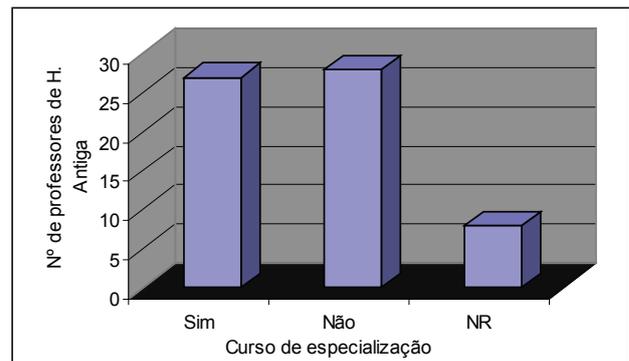
Como mencionado, apenas 44 instituições responderam o questionário enviado. De acordo com a figura 3, a região Sudeste é responsável por 59% dos questionários respondidos, a região Sul por 24%. Nessas regiões obtivemos um melhor índice de resposta do que nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, responsá-

veis por 17% dos questionários respondidos, índice inferior à sua participação no oferecimento de cursos.



**Figura 3.** Número de instituições que possuem o curso de graduação em História que responderam ao questionário

Obtivemos uma lista de 63 professores atuando nessas quarenta e quatro instituições. Uma média de 1,43 professores por instituição. Dos 63 professores, 32 são homens e 31 são mulheres.



**Figura 4.** Número de professores que possuem especialização em História Antiga

Mesmo considerando que as instituições que responderam seriam aquelas que têm uma situação mais estável no que se refere à disciplina, tendo, portanto, mais facilidade de oferecer informações e que as respostas estão concentradas na região sul e sudeste, onde se formam os especialistas da área, menos da metade dos docentes se declararam tendo algum tipo de especialização na área. O gráfico da figura 4, mostra que a maioria dos professores que responderam à esta questão não tem especialização na área de História Antiga (aproximadamente 44,44%), e apenas 27 professores responderam que têm especialização em História Antiga (42,86%). Houve ainda 08 professores que não responderam à esta questão (12,69%). Dos 63



professores, 14 homens têm especialização, contrapondo-se a 15 que não têm e 3 que não responderam; 13 mulheres têm especialização, 12 não têm e 6 não responderam.

As disciplinas obrigatórias do currículo de História Antiga estão relacionadas abaixo:

DESCRIÇÃO DA DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
História Antiga I e II	60 horas/aula, no total
História da Antiguidade Oriental e Clássica	90 horas/aula
Tópicos de História Antiga (período clássico)	45 horas/aula
História Antiga	120 horas/aula*
História Antiga I	60 horas/aula
História Antiga II	60 horas/aula
História Antiga	60 horas/aula
História Antiga	120 horas/aula*
História Antiga e Medieval	180 horas/aula**
História da Antiguidade Oriental	75 horas/aula
História da Antiguidade Clássica	75 horas/aula
História Antiga	60 horas/aula
História Antiga	90 horas/aula
História Antiga: Egito, Mesopotâmia e Grécia	80 horas/aula
História Antiga	150 horas/aula *

\* Disciplina anual. \*\*Engloba duas disciplinas

As disciplinas eletivas do currículo de História Antiga estão relacionadas abaixo:

DESCRIÇÃO DA DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
Seminário Livre de História	60 horas/aula
Tópicos especiais em Antiguidade I,III,V	2 horas semanais
Temas diversos	60 horas/aula
Disciplinas não-estáveis	Sem carga mínima
Tópicos especiais de História Antiga	60 horas/semestre
História da Antiguidade Oriental	80 horas/aula
Tópicos em História Antiga	horas/aula
Seminário de História Antiga e Medieval	30 ou 60 horas/aula

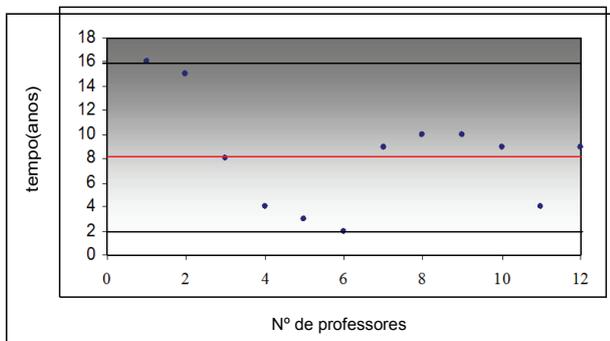


Figura 6. Linha média que representa o tempo em que os professores ministram a Disciplina História Antiga

Na figura 6, a linha média representa há quanto tempo os professores ministram a disciplina História Antiga. A linha superior representa o tempo máximo e a linha inferior representa o tempo mínimo em que os professores lecionam a disciplina História Antiga. A média é de 8,1 anos; o tempo máximo é de 16 anos e o mínimo é de apenas 2 anos. A moda é nove anos.

A análise dos programas está ainda em andamento, pois há dificuldade em quantificar

os dados ali constantes. O que percebemos é que temos de tudo por ali. A imensa maioria dos programas prevê uma apresentação panorâmica do período, seguindo uma cronologia tradicional e a organização dos conteúdos pelas grandes civilizações.

Seguem abaixo uma consolidação das bibliografias utilizadas pelos professores:

1. ALFOLDY, G. *A história social de Roma*. Lisboa, Editorial Presença, 1989.
2. ANDERSON, P. *Passagens da antiguidade ao Feudalismo*. Porto, Edições Afrontamento, 2ª EDIÇÃO, 1982.
3. AUSTIN, Michel & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa. Edições 70, 1987. (Coleção "Lugar da História")
4. AUSTIN, Michel & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Economia e Sociedade*. Lisboa, Ed. 70, 1986.
5. AYMARD, André. A civilização egípcia. In: CROUZET, Maurice. (dir) *História Geral das Civilizações*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1993.
6. BAKOS, Margaret e POZZER, Kátia M.P. *III jornada de estudos do Oriente Antigo – línguas, escritas e imaginários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, Col. História 20.
7. BORNECQUE, H & MORNET, D. *Roma e os romanos*. São Paulo, 1976.
8. BOUZON, E. *O código de Hammurabi*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
9. BOUZON, Emanuel. *Ensaio babilônicos: Sociedade, Economia e Cultura na Babilônia Pré-cristã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, Col. História 19.
10. CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana em Roma e no auge do Império*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
11. CARDOSO, C. F. S. *A cidade-estado antiga*. São Paulo, Ática, 1985.
12. CARDOSO, C. F. S. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
13. CARDOSO, C. F. S.. *Sociedade do Antigo Oriente próximo*. São Paulo, Ática, 1986. (princípios).
14. CARDOSO, C. F. S.. *Modos de produção na Antiguidade*. São Paulo, Global, 1982.
15. CARDOSO, C. F. S. *Trabalho compulsório na Antiguidade*. Rio de Janeiro, Geral, 1984.
16. CARDOSO, C.F.S. *Antiguidade Oriental: política e religião*. São Paulo, Contexto, 1990.
17. CHELIK, Michael. *História Antiga: de seus primórdios à queda de Roma*. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
18. CROUZET, Maurice. *História Geral da Civilização*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1993. Vols. 1, 2 e 3.
19. CROUZET, Maurice (dir) *História Geral das Civilizações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. Tt. III e IV.



20. DABDAB TRABULSI, José Antônio. *Essai sur la Mobilisation politique dans la Grèce Ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 1991.
21. DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo/Petrópolis: Ed. Vozes/Sinodal, 2v, 1997.
22. DUBY, Georges & ARIES, Philippe. *A História da Vida Privada: Império romano ao ano mil*. Vol. 2 SP. Cia das Letras, 1992.
23. FINLEY, M. *Economia e sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
24. FINLEY, Moses. Esparta e a sociedade Espartana. In: *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
25. FINLEY, Moses. *A economia antiga*. Porto : Afrontamento, 1980.
26. FINLEY, Moses. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
27. FINLEY, Moses. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
28. FINLEY, Moses. *Grécia primitiva: Idade do bronze e Idade Arcaica*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (coleção O Homem e a história).
29. FINLEY, Moses. *O mundo de Ulisses*. 3ª edição. Lisboa: Presença, 1988.
30. FINLEY, Moses. Os arquivos do palácio micênico e a história econômica. In: *Economia e sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
31. FINLEY, Moses. *Os Gregos Antigos*. Lisboa: Edições 70, 1984. (Coleção "Lugar da História")
32. FLORES, Moacyr. *Mundo greco-romano*
33. FUNARI, P. P. A. *Antiguidade Clássica. A história e a cultura a partir de documentos*. Campinas, Ed. Da UNICAMP, 1995.
34. FUNARI, Pedro P. *Grécia e Roma*
35. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Cultura popular na antiguidade*. São Paulo: Contexto, 1989.
36. GRANT, Michael. *História resumida na Civilização Clássica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
37. GRIMAL, Pierre. *O teatro antigo*. Lisboa: Edições 70, 1986.
38. GUARINELLO, Norberto Luiz. *Imperialismo greco-romano*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios, 124).
39. GUSTAVE, Glotz. *A cidade grega*. São Paulo: Difel, 1980.
40. HOMERO. *Odisséia*. São Paulo; Ediouro, s/d (tradução em versos de Carlos Alberto Nunes).
41. KOVALEV, S. *A Sociedade Primitiva*. São Paulo, Global, 1997 (Universidade Popular).
42. LÉVÊQUE, Pierre. O papel da religião na gênese das cidades. *LPH: Revista de História*, 4 (93/94).
43. LEVÊQUE, Pierre. *As Primeiras Civilizações. Volume 1: Os Impérios de Bronze*. Lisboa: Edições 70, 1987.
44. LIVERANI, Mário. *El Antigo Oriente. História, sociedad y economía*. Barcelona: Ed. Crítica, 1995.
45. MAESTRE FILHO, Mário José. *O Escravismo Antigo*. São Paulo, Atual, 1988.
46. MAFFRE, Jean Jacques. *A Vida na Grécia Clássica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
47. MARAZZI, Massimiliano. *La sociedad micénica*. Madrid: Akal, 1982.
48. MAZZARINO, Santo. *O fim do mundo antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
49. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, *Atlas Histórico*.
50. MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa, Edições, 70, 1989.
51. MOSSÉ, Claude. *As instituições gregas*. Lisboa : Edições 70, 1985.
52. MOSSÉ, Claude. *Atenas: A História de uma Democracia*. 2ª ed. Brasília: Editora UNB, 1982.
53. NOBLECOURT, Christiane Desroches. *A mulher nos tempos dos faraós*. São Paulo: Papirus, 1994.
54. PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo, Atual, 1987 (discutindo a História)
55. RODRIGUES, Rosicler. *O Homem na Pré-história*. São Paulo, Moderna, 1992.
56. SVELLE, Max. *História da Civilização Mundial: As primeiras culturas humanas*. BH, Villa Rica, 1990.
57. VERNANT, Jean Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Campinas, Papirus, 1992.
58. VERNANT, Jean Pierre. A luta de classes. In: *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
59. VERNANT, Jean- Pierre. *As origens do pensamento Grego*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil.
60. VEYNE, Paul (org). *História da vida privada I*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
61. VIDAL-NAQUET, Pierre. Os escravos gregos constituíam uma classe? In: VERNANT, Jean Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Trabalho e Escravidão na Grécia Antiga*. Campinas: Papirus, 1989.

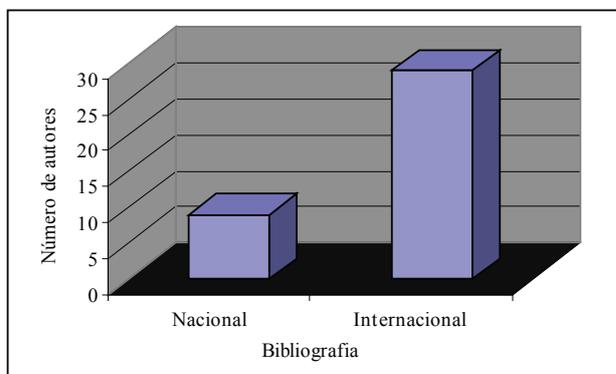
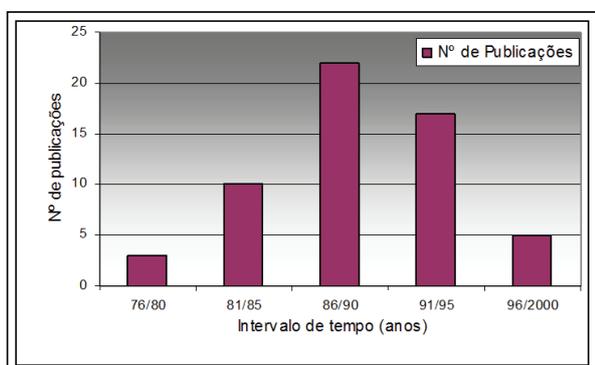


Figura 7. Relação entre a bibliografia nacional e a internacional



A figura 7 mostra que a quantidade de autores de outras nacionalidades é muito maior do que os nacionais. A proporção é de aproximadamente 3 autores estrangeiros para cada autor nacional.

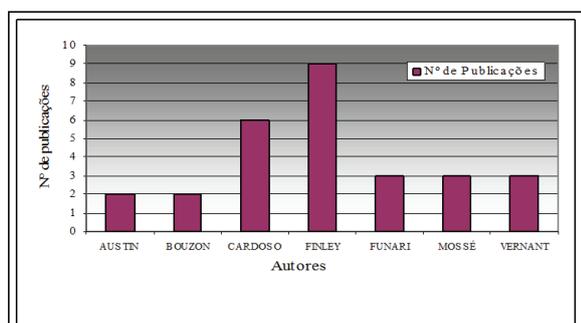


**Figura 8.** Número de referências bibliográficas em relação ao período de publicação

tomaremos como *corpus* documental os artigos publicados em periódicos brasileiros nos últimos dois anos.

A nossa expectativa com esse trabalho de pesquisa é conhecer melhor o que se produz e o que se ensina em História Antiga nas Universidades brasileiras a fim de poder pensar alternativas para a expansão e melhoria da área.

O gráfico da figura 8 tem a finalidade de mostrar a quantidade de publicações elencadas pela pesquisa, relacionando-as com seu período de publicação. A maioria foi publicada entre 1986 e 1990. Mesmo desconsiderando que muitos dos títulos são traduções ou reedições, a bibliografia mostra-se nada recente, já que a maioria absoluta dos títulos foi publicado há mais de dez anos.



**Figura 9.** Número de publicações referentes aos autores

De acordo com a figura 9, os autores que possuem o maior número de obras publicadas citadas nas referências bibliográficas foram: Finley e Cardoso.

Devemos prosseguir esse trabalho, persistindo na coleta de dados até a exaustão. Além disso e paralelamente, pretendemos iniciar um trabalho de investigação sobre o que se publica em História Antiga e quais as fontes bibliográficas utilizadas para esses estudos. Para tanto,



# A HISTÓRIA ANTIGA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – USP

Maria Aparecida de Oliveira Silva

Pós-Graduanda (FFCLH - USP)

## Resumo:

Neste artigo, pretendo apresentar a produção acadêmica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, bem como analisar criticamente os dados recolhidos. A proposta deste trabalho é a de identificar na produção acadêmica do Departamento de História da USP não apenas a contribuição científica dos docentes e pós-graduandos, mas as linhas de pesquisa, temas pesquisados e períodos históricos privilegiados. A metodologia empregada foi a classificação e a quantificação dos dados levantados nos artigos, livros, dissertações e teses produzidos no Departamento..

**Palavras-Chave:** História Antiga, Produção Acadêmica, Departamento de História –USP

## Abstract:

The aim of the article is to make a critical analysis on the academic work developed in the History Department at Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas of Universidade de São Paulo based on the data collected. The purpose of the job is to identify professors and post-graduation students contribution to science as well as the bias toward historical periods classification and quantification of data were made according to articles, books, MA and PhD theses available in the Department.

**Keywords:** Ancient History, Academic Work, History Department of USP.

## 1 - INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do levantamento de dados sobre a Produção Intelectual em História Antiga que está sendo realizado pelo nosso Grupo de Trabalho em História Antiga. Este foi constituído a fim de catalogar as informações sobre a produção intelectual dos pesquisadores no intuito de criar um banco de dados acessível aos interessados.

Nesta parte do trabalho apresentarei a produção de professores e de alunos de pós-graduação do Departamento de História da FFLCH – USP. As informações foram coletadas no Programa Dedalus, pertencente ao Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo.

Para este estudo foram consideradas a produção de Teses, Dissertações, Artigos, Resenhas, Livros, Traduções de Livros e Livre Docência. A coleta de informações resultou no levantamento de 58 trabalhos realizados entre as décadas de 80 e 90.

## 2 – PRODUÇÃO DO DH – USP

Com este levantamento constatou-se que há o predomínio de artigos respondendo por 35% do total, que se somados aos 15% de resenhas e 4% de traduções de livros atingem o percentual de 54% do total. Esses números contrastam com os 8% destinados à produção de livros, demonstrando a dificuldade em produzi-los devido ao acúmulo de funções do professor, além



do desinteresse das editoras em publicar livros sobre História Antiga.

X

É interessante notar que 36% da produção se refere à teses e dissertações, o que indica o empenho do Departamento em formar profissionais na área.

### 3 - DOS 58 TRABALHOS ARROLADOS:

Observou-se que há a concentração de estudos na área de História Social, como pode ser visto no gráfico abaixo:

X

### 4 - A TEMÁTICA DOS TRABALHOS:

No entanto, é preciso notar a limitação das classificações: História Econômica e História Social, pois somente 34% do total do trabalhos estão relacionados com economia e sociedade, sendo 36% para historiografia e 30% para a política, ou seja, 66% dos estudos não se relacionam com as temáticas sugeridas por essa tradicional classificação.

X

### 5 - AS FONTES ESTUDADAS:

Heródoto; Tucídides; Sófocles; Aristófanes; Aristóteles; Platão; Estrabão; Sêneca; Petrônio; Plínio, o Jovem; História Augusta; Herodiano.

### 6 - LEVANTAMENTO DE ESTUDOS SOBRE GRÉCIA E ROMA

#### A) ROMA

Sobre Roma, os períodos estudados foram:

X

#### B) GRÉCIA

As épocas estudadas foram a Clássica e a Arcaica, sem haver qualquer estudo sobre o período helenístico, como pode ser visto no gráfico abaixo:

X

### 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS

É importante observar a desproporção dos números em relação à produção da década de 80 e a de 90. O primeiro trabalho registrado nos arquivos do Dedalus foi uma dissertação defendida em 1983. Percebe-se a partir desses dados que houve um notável aumento na produção de estudos sobre a antiguidade.

X

#### A) DÉCADA DE 80

Comparando os estudos entre as décadas nota-se que, em sua maioria, destinaram-se a análise de assuntos relacionados à Roma, aumentando em número na década de 90. Assim,

X

#### B) DÉCADA DE 90

Por um lado, temos nesta década o aumento de estudos sobre Roma e por outro o aumento de estudos sobre Grécia. Contudo, Os estudos romanos aumentaram em 10% enquanto os gregos em 6%, tendo significativa queda no número em estudos greco-romanos, o que demonstra o caminho da especialização seguido pelos pesquisadores.

X

### 8 - CONCLUSÕES:

- reduzido número de publicações de livros
- preocupação com a formação de profissionais
- crescente interesse pela historiografia antiga
- a superioridade numérica de estudos sobre Roma
- não há estudos sobre o período helenístico
- nenhum estudo sobre os povos do Oriente
- concentração da produção na década de 90
- a pesquisa em História Antiga é incipiente no Departamento
- há muito a ser explorado

Agradecimentos à Taíse Motta pelo companheirismo, ao amigo Fábio Joly por lembrar de mim na composição do GT de São Paulo e ao meu orientador Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello pelo indefeso apoio.



# HISTÓRIA ANTIGA E INTERNET

Adriene Baron Tacla, Maria Regina Candido e Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Editores da *Hélade*

## Resumo:

O presente artigo tem como objetivo discutir a questão do uso da internet como meio de difusão de pesquisas e publicações sobre sociedades antigas. Propomo-nos a debater as possibilidades criadas a partir da forma de publicação eletrônica, sobretudo para os estudos acerca da Antigüidade.

**Palavras-Chave:** Internet, Publicação Virtual, História Antiga

## Résumé:

Cet article a pour but d'analyser la question d'usage de l'internet comme un moyen possible de diffusion des recherches et des publications sur les sociétés anciennes. Nous voudrions aussi comprendre les possibilités créés par une publication électronique, surtout pour les études de l'Antiquité.

**Mots-clés:** Internet, Publication Virtuelle, Histoire Ancienne

Objetivamos, neste trabalho, discutir o uso da internet como meio de difusão de pesquisas e publicações na área de Antiguidades. Para tal, dividimos esta exposição em três partes, a saber: 1 – As possibilidades de publicação proporcionadas pela rede mundial; 2 – Algumas questões acerca das publicações convencionais em História Antiga; 3 – A Publicação Virtual.

## 1. AS POSSIBILIDADES DE PUBLICAÇÃO PROPORCIONADAS PELA REDE MUNDIAL

Atualmente, as páginas que se dedicam aos estudos de Antigüidade podem ser classificadas da seguinte forma: 1 – páginas institucionais como, por exemplo, a da Escola Francesa de Atenas (EFA – [www.efa.gr](http://www.efa.gr)) e outras escolas de arqueologia (Escola Americana de Atenas, Escola Francesa de Roma, etc.), além de museus em várias cidades dispersas no mundo todo e sites de grupos de pesquisa, projetos, programas e laboratórios universitários direcionados para o estudo de sociedades antigas, tais como os projetos *Perseus* e *Chronos*; 2 – páginas pessoais, de professores, pesquisadores e 'interessados'; 3 – sites que se dedicam à publicação de caráter científico, isto é, periódicos eletrônicos especializados no estudo de sociedades antigas, dentre os quais destacamos a *Internet Archaeology* (<http://intarch.ac.uk/>), a *ArqueoHispania* ([www.arqueohispania.com](http://www.arqueohispania.com)), *Cyberarqueólogo Português* ([www.ci.uc.pt/aia/cyberarq.html](http://www.ci.uc.pt/aia/cyberarq.html)), o *Journal of World Systems Research* (<http://csf.colorado.edu/jwsr/>) e a *Hélade* ([www.heladeweb.com](http://www.heladeweb.com)), para só citarmos alguns.

O primeiro grupo abarca páginas que auxiliam tanto aos pesquisadores na área de Antigüidade quanto a um público mais diversificado que esteja interessado nas sociedades antigas. Os sites de museus disponibilizam, muitas



vezes, aos navegantes fotos e informações sobre obras de uma determinada sociedade antiga, enquanto as *homepages* de universidades e das escolas de arqueologia oferecem a possibilidade do internauta pesquisar livros e documentos disponíveis em suas bibliotecas. A Escola Francesa de Atenas, por exemplo, permite, por meio de seu site, o livre acesso a seu acervo bibliográfico e até mesmo ao serviço de hospedagem da Escola para os pesquisadores do mundo inteiro.

Já quanto ao segundo grupo – o das páginas pessoais – constatamos que proporcionam elas uma aproximação bem maior, e muitas vezes imediata (por meio do correio eletrônico), entre o professor/pesquisador/especialista e o interessado, muitas vezes divulgando bibliografias e traduções de documentos antigos. Devemos, contudo, destacar que muitas destas páginas são criadas sem nenhum rigor científico, podendo divulgar conteúdos errôneos – como o caso de uma página que ao contextualizar a *pólis* de Atenas no período arcaico, afirmava que a tirania dos Pisistrátidas ocorrera no VII século a.C.

Por outro lado, o último grupo vem ampliar o rol das publicações de reconhecido caráter acadêmico, criando periódicos especializados, mas que só existem na rede, consistindo, portanto, em *publicações virtuais*. Essa forma de publicação permite um maior diálogo não só entre pesquisadores, como entre os interessados pelos estudos da Antigüidade, divulgando artigos de autores de diversas partes do mundo e em diferentes línguas.

Com efeito, a publicação virtual não somente aumenta os canais de divulgação e debate, tão necessários à produção científica, como também propicia a oportunidade de criação de publicações independentes, ou seja, periódicos que não se encontrem vinculados a qualquer instituição. Assim, o debate científico, o compartilhar de idéias e informações, antes muito restritos às universidades e seus centros de pesquisa, começam a alcançar uma difusão nunca imaginada, ultrapassando as rígidas fronteiras entre a sociedade e a universidade.

## 2. ALGUMAS QUESTÕES ACERCA DAS PUBLICAÇÕES CONVENCIONAIS EM HISTÓRIA ANTIGA

Podemos dizer que, em nosso país, não existe, por parte das editoras, uma política séria de publicação na área de história, mormente na de história antiga. Quando dedilhamos as prateleiras das grandes cadeias de livrarias (e são estas que atingem o grande público) percebemos que as editoras brasileiras não se interessam em publicar obras novas, preferindo reeditar obras de historiadores do século XIX e do início do século XX; não havendo, em verdade, um interesse pela produção nacional em história antiga, salvo raras exceções. Onde, muitos profissionais dedicados ao estudo das sociedades antigas decidem publicar, por conta própria em pequenas editoras, suas respectivas teses e pesquisas, deparando-se, porém, com diversos problemas, dos quais destacamos os custos e a divulgação como os mais sérios.

Primeiro, o custo de edição de um livro (edição, serviços gráficos e de impressão) é bastante elevado, por vezes acarretando a edição de pequenas tiragens, quando não inviabilizando completamente a publicação. Depois, a distribuição é por demais rarefeita; a grande maioria destas editoras não atinge todas as regiões do país, muitas delas longínquas, nem tampouco conseguem colocar seus livros nas grandes cadeias de livrarias. Isso quer dizer que o grande público não toma conhecimento do que é produzido na academia, e mesmo os pesquisadores não têm acesso às pesquisas dos profissionais de outras universidades e regiões.

Ademais, as bibliotecas brasileiras não estão preparadas para atender às pesquisas dos profissionais e alunos interessados pelos estudos de sociedades antigas. Em sua maioria, possuem elas um acervo defasado e com poucos títulos e periódicos em línguas estrangeiras, principalmente em virtude do alto custo de assinatura desses últimos. A situação se torna pior se pensarmos na documentação, principalmente a arqueológica. Daí, a necessidade dos pesquisadores viajarem para universidades estrangeiras e escolas de arqueologia. Mas uma



viagem deste tipo só é possível a um aluno de pós-graduação com bolsa de pesquisa, ou seja, cada vez mais percebemos que ocorre um afunilamento do acesso do saber em nosso país.

*Como um aluno de graduação em história pode pesquisar nestas condições?* Talvez, uma das respostas esteja nas formas de publicação e na crescente integração que a internet vem promovendo.

### 3. A PUBLICAÇÃO VIRTUAL

A internet atinge um público-alvo muito diferente daquele alcançado pela publicação convencional. Possui ela um raio de ação bem mais amplo, conseguindo quebrar as barreiras muitas vezes impostas pela academia, de tal modo que uma pesquisa na área dos estudos latinos pode ser “consumida” por um físico e vice-versa. Os *sites* que divulgam pesquisas estão, em sua maioria, preocupados em sair da clausura estabelecida pelos limites tradicionais da academia, visando ampliar o acesso à informação, democratizando o saber científico, que não precisa ser hermético, nem restrito somente aos pares.

Logicamente, não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que todos os brasileiros têm acesso à internet. No Brasil, o computador ainda é um artigo bastante caro, sobretudo frente aos baixos salários da maioria dos brasileiros, além da baixa escolaridade e dos altos índices de analfabetismo ainda verificados no país, que também restringem o acesso ao conhecimento a uma pequena parcela da população.

Entretanto, paulatinamente vem-se ampliando o acesso à internet, especialmente em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, onde se pode acessar a rede gratuitamente em universidades, nas agências dos Correios, em quiosques em centros comerciais, além da ação de ONGs, tal como o CDI, que vem trabalhando pela democratização do acesso à informática.

Ao contrário das vias tradicionais de publicação, a internet se apresenta como um veículo muito mais acessível à produção e à divulgação de pesquisas. A rede mundial possibilita diversas formas de publicação (*e-books*, artigos, teses)

em diferentes formatos com custos bem mais vantajosos do que os de publicação convencional. Exemplificando: um livro com cerca de cem páginas e uma tiragem de 250 exemplares não tem custo inferior a mil dólares. Já a manutenção de um periódico eletrônico, que alcançará um número infinito de leitores, não sai por mais de cento e cinquenta dólares anuais. São cifras bastante díspares, principalmente para a nossa realidade financeira.

As vantagens em relação à divulgação continuam para o lado das publicações eletrônicas. Um livro ou uma revista editados no Brasil na área de história antiga circula com bastante dificuldade. Geralmente vão para as prateleiras empoeiradas de nossas poucas bibliotecas, enquanto a publicação virtual atinge um público mais diversificado. Poderíamos dar o exemplo da revista eletrônica *Hélade* ([www.heladeweb.com](http://www.heladeweb.com)), da qual somos editores. Por meio das estatísticas geradas pelo servidor, constatamos que recebemos mais de duzentas visitas semanais, além de constatarmos que, em várias semanas, a Revista recebeu mais visitas estrangeiras (EUA – Virgínia, por exemplo) do que nacionais; o que demonstra o quanto uma publicação eletrônica pode alcançar.

A *Hélade* está ultrapassando as barreiras lingüísticas e os limites impostos pela academia. Essa revista é lida tanto no Brasil quanto na Europa, Ásia e nas Américas. Disponibilizar os artigos gratuitamente permite não só a divulgação dos trabalhos, bem como a possibilidade de trocas e diálogos entre os pesquisadores e os *internautas*. O correio eletrônico é um termômetro interessante, pois recebemos as mais distintas questões e mensagens. Alguns *navegantes* pedem referências bibliográficas, contatos com pesquisadores/instituições de ensino ou informações diversas.

Possibilitar ao grande público alcançado pela internet o contato com pesquisas atualizadas e a aquisição de livros, frutos de teses em história antiga, que formam a série de *Suplementos da Hélade* (temos até o momento quatro) consiste no objetivo principal da revista, ou seja, difundir as pesquisas nas diversas disciplinas que tratam das sociedades antigas.



Não devemos, porém, imaginar que a publicação virtual venha substituir as formas convencionais de publicação. Ao contrário, ela vem somar, acrescentando outras vias, ampliando as possibilidades de divulgação de pesquisas científicas para um público que antes não era alcançado. Não se trata, pois, de substituir o livro e sim fazer chegar a esse público, assim como aos especialistas estrangeiros, o que produzimos nesse país.

Trata-se, por conseguinte, de uma nova porta que se abre e, no nosso entender, mais do que um importante veículo para a divulgação e a propaganda de periódicos acadêmicos tradicionais, a internet consiste em um espaço alternativo de publicação, que vem se popularizando cada vez mais, atraindo editores, pesquisadores, universidades, bibliotecas, instituições de fomento à pesquisa, enfim, todos que se encontram envolvidos com a produção de pesquisas acadêmicas ao redor do mundo. Concluímos, pois, que com o potencial que a internet representa, não podemos deixar de considerá-la como uma via para aumentarmos a publicação da produção acadêmica brasileira acerca das sociedades antigas.

## BIBLIOGRAFIA

KIRSOP, Barbara. *Electronic Publishing Trust for Development. Proceedings of the 10th International Conference of Science Editors (IFSE)*. Rio de Janeiro: [www.bireme.br/ifse-rio/](http://www.bireme.br/ifse-rio/), 2000.

PAKENHAM-WALSH, Neil. *The International Network for the Availability of Scientific Publications (INASP), African scientific journals and online access. Proceedings of the 10th International Conference of Science Editors (IFSE)*. Rio de Janeiro: [www.bireme.br/ifse-rio/](http://www.bireme.br/ifse-rio/), 2000.

RUBINSTEIN, Ellis. *How Is Science Being Communicated? Proceedings of the 10th International Conference of Science Editors (IFSE)*. Rio de Janeiro: [www.bireme.br/ifse-rio/](http://www.bireme.br/ifse-rio/), 2000.

TENOPIR, Carol. *The Use and Value of Scientific Journals: Past, Present, and Future. Proceedings of the 10th International Conference of Science Editors (IFSE)*. Rio de Janeiro: [www.bireme.br/ifse-rio/](http://www.bireme.br/ifse-rio/), 2000.



# AS CULTURAS GRECO-ROMANAS EM DISCUSSÃO: AS PESQUISAS EM ANTIGÜIDADE CLÁSSICA DA UNICAMP

Lourdes M.G.C. Feitosa e Renata Senna Garraffoni

Doutorandas em História (IFCH/ UNICAMP - Bolsistas da Fapesp)

## Resumo:

*Este artigo apresenta um balanço das pesquisas em Antigüidade Clássica do Departamento de História da Unicamp. A Pós-Graduação na área, em níveis de Mestrado e Doutorado, oferece cursos especializados sobre Grécia e Roma, Arqueologia e História da Arte, por meio da linha de pesquisa História, Cultura e Gênero. Para o desenvolvimento de seus estudos, os pesquisadores contam com o apoio do Instituto de Estudos de Linguagem; com o Centro de Pensamento Antigo (CPA) e com o financiamento de órgãos como a CAPES, CNPq e a FAPESP.*

**Palavras-Chave:** UNICAMP, Antigüidade, Mundo Clássico

## Abstract:

*This article presents some aspects of the Ancient World researches that has been produced by the History Department of Unicamp during the last years. The Master and Phd courses offer subjects about Ancient Greece and Rome, Archaeology and History of Art. Besides, the scholars are also supported by the Instituto de Estudos da Linguagem – IEL (Language Studies Institute), the Centro do Pensamento Antigo – CPA and Brazilian agencies as CAPES, CNPq and FAPESP, that are responsible for the projects' financial resources.*

**Abstract:** UNICAMP, Antiquity, Classic World

O estudo da Antigüidade Clássica na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) teve início na década de setenta com o professor Jaime Pinsky e, de lá para cá, tem se consolidado como um espaço de discussão e produção de pesquisas sobre o mundo greco-romano. Em meados da década de noventa, por exemplo, o curso de História contava com dois bolsistas de iniciação científica que desenvolveram projetos de pesquisa ligados ao mundo romano<sup>1</sup> e dois que fizeram um levantamento bibliográfico das fontes clássicas existentes na Universidade<sup>2</sup>, todos sob orientação do professor Pedro Paulo Abreu Funari, que assumira o lugar do professor Pinsky em 1992, em virtude de sua aposentadoria.

Nos últimos três anos<sup>3</sup>, este quadro tornou-se mais complexo. Além de novos bolsistas de iniciação científica<sup>4</sup>, houve um considerável

<sup>1</sup> Renata Senna Garraffoni, estudiosa das questões do banditismo romano, bolsista CNPq-PIBIC, 1995-1997 e FAPESP, 1997. Júlio César Magalhães, estudioso das cartas agostinianas, bolsista do CNPq e FAPESP.

<sup>2</sup> André Côrtes de Oliveira e Natália Terezinha G. A. Moreira, bolsistas SAE-UNICAMP; fizeram levantamento exaustivo das obras sobre a Antigüidade Clássica custodiadas nas bibliotecas da UNICAMP.

<sup>3</sup> O recorte do período foi feito por sugestão dos organizadores do Grupo de Trabalho em Antiga, ocorrido de 23 a 25 de julho de 2001 por ocasião do XXI Simpósio Nacional de História promovido pela ANPUH em Niterói, RJ.

<sup>4</sup> Marina Cavicchioli, Relações de gênero a partir das pinturas pompeianas, bolsista CNPq e atualmente da FAPESP; Aline Carvalho, O discurso sobre o Egito Antigo no século XIX, bolsista do SAE-UNICAMP.



aumento de pesquisadores no programa de Pós-graduação do Departamento de História interessados no mundo greco-romano. Estruturalmente falando, atualmente estes estudos estão aglutinados na linha de pesquisa *História, Cultura e Gênero*, criada em 1995 com objetivo de realizar estudos temáticos e teóricos partindo da reflexão sobre algumas correntes historiográficas contemporâneas, em especial a Nova História, a História Cultural e Social e a História Intelectual. Assim, dentro de uma linha de pesquisa cuja preocupação central é discutir novos caminhos para se escrever a História dos diversos períodos, vários trabalhos sobre Grécia e Roma vem sendo desenvolvidos: atualmente contamos com cinco pesquisadores no mestrado<sup>5</sup>, três no doutorado<sup>6</sup> e duas dissertações defendidas<sup>7</sup>, todos sob orientação do professor Funari, livre-docente em História Antiga desde 1996.

O desenvolvimento destas pesquisas tem sido possível em virtude da relação de três fatores, que serão comentados a seguir: atividades promovidas pelo Departamento de História e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL); apoio dos órgãos de fomento à pesquisa e o CPA – Centro do Pensamento Antigo.

<sup>5</sup> Hering, F.A., *Heródoto e a “nação” ateniense: uma análise crítica do processo de construção de uma ferramenta cultural*, em andamento.

- Oliveira, J.C.M., *Um Estudo da pobreza na Antiguidade tardia por meio dos sermões e das cartas de Santo Agostinho*, em andamento.

- Omena, L, *O papel de Sêneca para a construção da estabilidade de Nero em seus primeiros anos de governo*, em andamento.

- Pimentel, M.A., *As Representações de Hefesto*, em andamento.

- Silva, G.J., *Aspectos de cultura e gênero na Arte de Amar, de Ovídio e no Satyricon, de Petronio: representações e relações*, em andamento.

<sup>6</sup> Belebony, R., *A interpretação do mito de Medusa no século XX: História, Arqueologia e Literatura Clássica*, em andamento.

- Feitosa, L.M.G.C., *O Amor e a representação sexual na Pompéia romana: uma análise de inscrições parietais*, em andamento.

- Garraffoni, R.S., *Pauperes et Latrones: Representações de Delitos e Delinquentes entre as Camadas populares Romanas na Época do Império*, em andamento.

<sup>7</sup> Belebony, R., *A originalidade do olhar de Jean-Pierre Vernant sobre a Grécia: diálogos, inovações e atualidade*, dissertação defendida em fevereiro de 2001.

- Garraffoni, R.S., *Bandidos e Salteadores: Concepções da Elite Romana sobre a Transgressão Social*, dissertação defendida em outubro de 1999.

## DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM:

Desde a graduação os alunos do curso de História da Unicamp tem a oportunidade de conhecer alguns aspectos do mundo antigo: está previsto no programa uma disciplina obrigatória oferecida no primeiro semestre, que nos últimos anos tem contado com o apoio de auxiliares didáticos<sup>8</sup> e doutorandos (bolsas do Programa de Estágio Docente)<sup>9</sup>, bem como cursos tópicos, no qual o professor desenvolve um tema mais específico. A interação com pesquisadores estrangeiros que estiveram em nossa Universidade ministrando aulas na graduação e na pós-graduação, em 1999, como os professores Victor Revilla e Margarita Díaz-Andreu, ambos financeiramente apoiados pela FAPESP, tem propiciado um enriquecimento na formação de nossos alunos, permitindo que interajam com outras experiências de pesquisas e abordagens históricas.

Com relação à pós-graduação, o Departamento oferece, dentro da linha de pesquisa *História, Cultura e Gênero*, não só discussões sobre teoria e historiografia em geral, como também cursos especializados sobre Grécia e Roma, Arqueologia e História da Arte. Além dos cursos, contamos com uma biblioteca que, constantemente, tem adquirido livros sobre historiografia Clássica, periódicos especializados e uma coleção de fontes que inclui a literatura latina e grega (originais e traduções de excelente qualidade), documentos epigráficos (*CIL – Corpus Inscriptionum Latinarum*) e iconográficos.

O Instituto de Estudos de Linguagem também tem sido fundamental para que o historiador do mundo antigo tenha uma formação mais sólida. Além de possuir também uma biblioteca com livros e periódicos específicos sobre a Antiguidade greco-romana, o Instituto oferece cursos de língua grega e latina capacitando os estudiosos, desde a graduação, a manusearem a documentação diretamente no original, como

<sup>8</sup> Marina Cavicchioli, auxiliar em 1998; Aline Carvalho, auxiliar em 2000 e Fernanda Regis, em 2001.

<sup>9</sup> Renata Senna Garraffoni, professora assistente em 2001.



também a produzirem análises críticas de traduções clássicas já existentes.

## **APOIO DAS INSTITUIÇÕES DE FOMENTO À PESQUISA:**

Tanto as pesquisas de iniciação científica como as da pós-graduação têm sido financiadas por diversos órgãos de fomento. Fapesp, CNPQ-PIBIC e SAE (Serviço de Apoio ao Estudante - Unicamp) são os principais órgãos que financiam as iniciações científicas ou as chamadas bolsas trabalho, que possibilitam o levantamento de bibliografia, produção de catálogos e organização de dados sobre a produção acadêmica nesta e nas demais Universidades do Brasil.

Já a Pós-graduação conta com o apoio da CAPES e da FAPESP. Ambas propiciam aos doutorandos a possibilidade de realizar pesquisas no exterior, aumentando o intercâmbio entre diferentes instituições, além de destinarem verbas para os pós-graduandos, em geral, participarem de reuniões científicas no Brasil. Com relação à FAPESP, caberia mencionar ainda o auxílio proporcionado pela chamada reserva técnica: esta verba anual, que mestrandos e doutorandos recebem, tem sido de grande importância para a aquisição de material permanente como, por exemplo, computadores e livros, principalmente os importados, que são fundamentais em nossa área. Com este auxílio, temos conseguido ampliar, especializar e atualizar o acervo bibliográfico na área de História Antiga de nosso Instituto.

## **CPA – CENTRO DO PENSAMENTO ANTIGO:**

O CPA – Centro do Pensamento Antigo – tem sido um fator importante para a consolidação de nossa área na Unicamp. Criado em 1995, este centro tem como um dos principais objetivos tratar a questão da documentação referente à Antigüidade: por meio de levantamentos bibliográficos, tem sido organizado o material disponível no Brasil com intuito de repassá-los aos diversos pesquisadores e docentes que atuam em áreas isoladas do país, contribuindo, assim, para a democratização dos recursos existentes e para a construção de uma estrutura sólida para a pesquisa Clássica no Brasil.

Pensado desde seu início como um Centro de estudos interdisciplinar, atualmente é composto por pesquisadores e docentes das áreas de Filosofia, História e Letras Clássicas da Unicamp e de outras Universidades (PUC-SP, USP, para citar alguns exemplos). Com seus encontros mensais e o Colóquio a cada dois anos, o CPA tem se definido como um espaço permanente de discussão de trabalhos de Iniciação Científica, dissertações e teses de doutorado, aprofundamento do pensamento Antigo e intercâmbio de idéias, já que conta com a participação de pesquisadores de diversos lugares do Brasil e do exterior: juntamente com o apoio do Departamento de História, foram promovidos debates e palestras com professores estrangeiros como José Remesal e Victor Revilla, da Espanha; Rodolfo Bouzon, da Argentina; Anne Marie Sorbets, de Paris; Margarita Díaz-Andreu e Siân Jones, da Inglaterra e com os pesquisadores brasileiros André Chevitarese, da UFRJ; Claudiomar Gonçalves, da UEL; Elaine Hirata, Maria Beatriz Florenzano, João Ângelo de Oliva Neto, Maria Luíza Corassin e Norberto Luiz Guarinello, da USP; Fábio Faversani, da UFOP; Haiganuch Sarian e Maria Isabel Fleming, do MAE-USP; Kátia Pozzer, da Luterana do RS; José Antônio Dabdab Trabulsi, da UFMG; Margareth Bakos, da PUC-RS e Renan Frighetto, da UFPR.

Além de palestras, debates e seminários, o Centro conta com a publicação do Boletim do CPA, já em seu nono número, que facilita a divulgação dos temas estudados e propicia um diálogo maior entre os pesquisadores da área.

A partir desde breve histórico acerca da situação dos estudos de História Antiga na Unicamp, podemos perceber que se tem consolidado um lugar de trabalho interdisciplinar, aberto a discussões entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Esta estrutura, que ainda está em formação, tem ajudado a incentivar a pesquisa sobre o mundo greco-romano e, embora muito ainda tenha que ser feito, temos obtido resultados com a publicação de textos acadêmicos no Brasil e no exterior, bem como na elaboração de material didático e paradidático mais atualizado para o ensino no primeiro e segundo graus.



## A PRODUÇÃO ACADÊMICA DA UNICAMP NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS:

Elaboramos, em seguida, uma lista atualizada com as publicações dos últimos três anos dos pesquisadores de História Antiga da Unicamp. Para facilitar a localização dos artigos, optamos por apresentar a listagem dividida por eixos temáticos estruturados em ordem alfabética de sobrenomes dos autores.

### ARQUEOLOGIA CLÁSSICA:

FUNARI, P.P.A. & CARRERAS, C. Estado y mercado en el abastecimiento de bienes de consumo en el imperio romano: un estudio de caso de la distribución de aceite español en Britannia, *História Econômica & História de Empresas* 3 (2), 2000, 105-121 (publicado em 2001).

FUNARI, P.P.A. Algumas contribuições da Arqueologia para o conhecimento da instrução no mundo romano, Margaret Marchiori Bakos, Ieda Bandeira Castro & Letícia de Andrade Pires (orgs.), *Origens do Ensino*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, 129-138.

FUNARI, P.P.A. Dressel 20 stamps from the Verulamium Museum, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*, 9, 1999, 143-162 (publicado em 2001).

FUNARI, P.P.A., HALL, M. & JONES, S., 1999, *Historical Archaeology, Back from the edge*, Londres: Routledge, 1999, 350pp, ISBN0-415-11787-9.

FUNARI, P.P.A. Lingüística e Arqueologia, *DELTA (Revista de Estudos de Lingüística Teórica e Aplicada)*, 15, 1, 161-176.

FUNARI, P.P.A. O comércio interprovincial e a natureza das trocas econômicas no Alto Império Romano: as evidências do azeite bético na Bretanha, *Phoenix*, Rio de Janeiro, 6, 295-311.

FUNARI, P.P.A. Resenha de G. Fabre, M. Mayer et I. Rodà, *Inscriptions Romaines de Catalogne*, IV, *Clasica* 9/10, 1996/7, 3388-340 (publicado em 2001).

FUNARI, P.P.A. Resenha de J. Remesal, Heeresversorgung und die wirtschaftlichen Beziehungen zwischen der Baetica und Germanien, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, 8, 295-7.

GARRAFFONI, R.S. Tradução de Contemporary debates in Archaeology: the example of classification, part I de Danuta Minta-Tworzowska, Campinas: *Revista de História da Arte e Arqueologia*, IFCH/Unicamp, no 3, fev. 2000. p.218-222.

HERING, F.A. Tradução: "A Teoria de Rede e a Arqueologia da História Moderna", de Charles E. Orser Jr., em P.P.A. Funari, E.G. Neves e I. Podgorny (orgs.), *Teoria Arqueológica na América do Sul*, São Paulo, MAE-USP, 2000.

OLIVEIRA, J.C.M. As inscrições da basílica de Alexandre em Tipasa: Caridade cristã e práticas de convivência e ostentação. *Phoenix* (LHIA/UFRJ) (no prelo).

SILVA, G.J. Tradução: "Arqueologia francesa e o regime de Vichy (1940-1944)", de Laurent Olivier. *Coleção Idéias*. (Dossiê ética e política no mundo antigo). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001. (no prelo)

### PUBLICAÇÕES INTERNACIONAIS:

FEITOSA, L.M.G.C. & FAVERSANI, F. Sobre o feminino e a cidadania em Pompéia. *Pyrene*. Barcelona (no prelo)

FUNARI, P.P.A. & CARRERAS, C. 1998, *Britannia y el Mediterraneo: estudios sobre el abastecimiento bético y africano a Britannia*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 410 pp, ISBN 84 475 1950 3

FUNARI, P.P.A. *Du rire des Grecs au rire des Romains: les inscriptions de Pompéi et le rire, Les Rires des Grecs, sous la direction de M.-L. Desclos*, Grenoble, Editions Jérôme Millon, 513-523.

FUNARI, P.P.A. Resenha de Las ánforas de aceite de Bética y su presencia en la Cataluña Romana, de Piero Berni, *Gallaecia*, 19, 417-418.

FUNARI, P.P.A. *Review of Les amphores du Sado, Portugal: prospection des fours et analyse du matériel*, by F. Mayet, A Schmitt and C. T. Silva, *American Journal of Archaeology*, 102, 452-443.

OLIVEIRA, J.C.M. A nomeação de Heráclio, sucesor de Santo Agostinho, e as relíquias de Estêvão, *Atas do XVI Simposio Nacional de Estudios Clásicos*, de Buenos Aires (no prelo).

### TEORIA:

FEITOSA, L.M.G.C. A questão de gênero na Antigüidade clássica In: Rago, M. e Gimenes (orgs). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. *Coleção Idéias*, 235- 251.

FUNARI, P.P.A. As pesquisas sobre a Antigüidade Clássica no Brasil: cidadania e erudição. *História e Cidadania*, XIX Simpósio Nacional da ANPUH, 153-162.

FUNARI, P.P.A. Filologia, literatura e lingüística e os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica. *Boletim do CPA*, 5/6, 153-166.

FUNARI, P.P.A. O Manifesto e o estudo da Antigüidade: a atualidade da crítica marxista. *Crítica Marxista*, 6, 106-114.

FUNARI, P.P.A. Resenha de S. Jones, *The Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present*. Londres, Routledge, 1997. *Revista de Antropologia*, 41,1, 247-250.



OMENA, L. A história construindo ou reconstruindo o passado? *Boletim do CPA*. (no prelo).

SILVA, G.J. Vichy, Educação, Arqueologia e a Construção de um Discurso Sobre o Passado. *Phoenix* (LHIA/UFRJ), 6:197-206, 2000.

## GRÉCIA:

BELEBONI, R.C. “Eumênides: uma amostra da superação do antigo pelo novo”, pp. 23-26. *Boletim de Iniciação Científica* - UNESP / Franca, v.2, n.º. 1 - 1996.

BELEBONI, R.C. “Tragédia: espelho da Antigüidade Grega”, pp. 11-18. *Revista Ensaios da História* - UNESP / Franca, v.1 - n.2, 1996.

BELEBONI, R.C. Entrevista com Jean-Pierre Vernant - *Boletim do CPA*. Campinas, n.º 8/9, jul. 1999 - jun. 2000, pp. 115-122.

BELEBONI, R.C. Entrevista com Jean-Pierre Vernant (versão em Língua Portuguesa – no prelo) *Revista de História Social* - pós-graduação Unicamp.

BELEBONI, R.C. Resenha de DABDAB TRABULSI, José Antônio. *Religion Grecque et Politique Française au XIXe siècle. Dionyso et Marianne*. Paris, L’Harmattan, 1998 - *Boletim do CPA*. Campinas, n.º 8/9, jul. 1999 - jun. 2000, pp. 237-242.

FUNARI, P.P.A., Resenha de J.A. Dabdab Trablusi, *Religion grecque et politique française au XIXe. Siècle, Dionysos et Marianne*, Paris, 1998, *Varia Historia*, 20, 186-190.

HERING, F. A. Heródoto e o interesse pela História no contexto da polis ateniense, *Phoenix*, LHIA/UFRJ, Ano VI, p. 153-164, 2000.

HERING, F.A. O desenvolvimento do pensamento histórico na Grécia Clássica, *Boletim do CPA*, Ano V, n. 8/9, p. 123-134, julho de 1999-junho de 2000.

SILVA, G.J. Tradução “A figura de Heráclito que chora em Luciano de Samosasta.”, de Michel Fattal. *Coleção Idéias*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. (no prelo)

PIMENTEL, M.A.O. Pluralidade Mítica: Sistematização e Investigação Acerca dos Mitos Universais. *Revista da IV Jornada de Iniciação Científica da Unesp –Franca*. (prelo).

## ROMA:

FEITOSA, L.M.G.C. O feminino, o desejo e o comportamento amoroso em Ovídio. *Entretexos Entresexos*. Campinas, SP: UNICAMP-FE-GEISH, 2000, 53-68.

FEITOSA, L.M.G.C. Reflexões sobre as relações de gênero na sociedade romana. Campinas: *Boletim do CPA*, ano IV, no 7, janeiro/junho 1999, 157- 167.

FEITOSA, L.M.G.C. Resenha de Nicholas Horsfall, *La cultura della plebs Romana*, Barcelona: PPU, 1996. Campinas: *Boletim do CPA*, ano IV, no 7, janeiro/junho 1999, 231- 235.

FEITOSA, L.M.G.C., Resenha de Eva Cantarella, Pompei. I volti dell’ amore. 2a ed. Milano: Mondadori, 1999 e de Antonio Varone, L’erotismo a Pompei. Roma: L’Erma, 2000. Goiás: *História Revista* (no prelo).

FEITOSA, L.M.G.C. Resenha de Luciana Jacobelli, *Le pitture erotiche delle Terme Suburbane di Pompei*. Roma: L’Erma, 1995; Campinas: *Boletim do CPA* (no prelo).

FUNARI, P.P.A. Propaganda, oralidade e escrita em Pompéia, *História*, São Paulo, 17/18, 1998/9, 115-126.

FUNARI, P.P.A. Resenha de Andrew Wallace-Hadrill, *Houses and Society in Pompeii and Herculaneum*, 10. *Diálogos, Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá*, 2, 233-236.

FUNARI, P.P.A. Resenha de Cultural identity in the Roman Empire, eds R. Laurence & J. Berry. Campinas: *Boletim do CPA*, 8/9, 1999/2000, 221-225.

FUNARI, P.P.A., Resenha de Erotica Pompeiana, A Varone, Campinas: *Boletim do CPA*, 8/9, 1999/2000, 227-229.

FUNARI, P.P.A. Resenha de F. Desbordes, Concepções sobre a escrita romana. *Revista de Letras, Unesp*, 36, 1996, 245-250 (publicado em 1999).

FUNARI, P.P.A. Resenha de Jean-Michel David, *La Romanisation de l’Italie*, *Revista de História Regional*, 3, 2, 177-180.

FUNARI, P.P.A. Resenha de R. Hawley & B. Levick (eds), *Women in Antiquity*, *Cadernos Pagu*, 12, 401-404.

FUNARI, P.P.A. Resenha de Wilfried Nippel, *Public Order in Ancient Rome*. *Horizontes*, Bragança, 16, 141-143.

GARRAFFONI, R.S. Resumo da dissertação de mestrado *Bandidos e Salteadores: Concepções da Elite Romana sobre a Transgressão Social*. Campinas: *Boletim do CPA*, ano V, no 8/9, julho 1999 a junho 2000. pp. 201-204

GARRAFFONI, R.S. *Bandidos e Salteadores: Concepções da Elite Romana sobre a Transgressão Social*. Campinas: *Boletim do CPA*, ano II, n: 4, julho/dezembro 1997, Publicação do IFCH/UNICAMP, pp. 311-316.

GARRAFFONI, R.S. *Os Libertos no Satyricon de Petronio: Uma Discussão Teórica*. *Pós-História*, (Unesp/Assis) vol.8, 2000, pp. 71-84.



GARRAFFONI, R.S. Gladiadores e Transgressão Social: Algumas Considerações sobre uma Nova Abordagem Social. Campinas: *Boletim do CPA*, ano IV, n: 7, janeiro/junho 1999, Publicação do IFCH/UNICAMP, pp.201-208.

GARRAFFONI, R.S., Resenha de Fábio Faversoni, A pobreza no satyricon de Petronio. Belo Horizonte: *Varia História* (no prelo).

OLIVEIRA, J.C.M., Uma fonte no deserto. Campinas: *Boletim do CPA*, IFCH/Unicamp, jul/dez, 1998, pp.299-310.

OLIVEIRA, J.C.M. 'Inter greges feminarum': Agostinho e as sanctimoniales. *Pós-História* (Unesp/Assis – no prelo).

OLIVEIRA, J.C.M. O Conflito entre pagãos e cristãos numa cidade africana no final do século IV. (Agostinho de Hipona, carta 50). Campinas: *Boletim do CPA*, ano VI, no 10, 2001. (no prelo).

SILVA, G.J. Representações femininas na literatura latina do Alto Império romano. *Boletim do CPA*, ano VI, no 10, 2001. (no prelo).

SILVA, G.J. Resenha de Fábio Faversoni, A pobreza no satyricon de Petronio. Campinas: *Boletim do CPA*, 8/9, jul.1999-jun.2000. pp249-256.

### DOCUMENTAÇÃO:

FUNARI, P.P.A. Balnei fruendi, *Revista de Tradução Modelo XIX*. Araraquara: Cepel - FCL/Unesp, 4, 9, 8-11.

FEITOSA, L.M.G.C. Grafites amorosos de Pompéia. *Revista de Tradução Modelo XIX*. Araraquara: Cepel - FCL/Unesp ( no prelo)

OLIVEIRA, J.C.M. O Rapto de Favêncio: Agostinho de Hipona, carta 115. *Revista de Tradução Modelo XIX*. Araraquara: Cepel - FCL/Unesp ( no prelo)

FUNARI, P.P.A. Informe da Comissão de Documentação. *Boletim do CPA*, 5/6, p. 333.

### PARADIDÁTICOS:

FUNARI, P.P.A., 2001, *Grécia e Roma*. São Paulo: Editora Contexto, 2001 (Coleção "Repensando a História"), 144 pp. ISBN 85-7244-160-3.

### DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS:

BELEBONI, R.C. A originalidade do olhar de Jean-Pierre Vernant sobre a Grécia: diálogos, inovações e atualidade. Dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2001.

GARRAFFONI, R.S. *Bandidos e Salteadores: Concepções da Elite Romana sobre a Transgressão Social*. Dissertação de mestrado defendida em outubro de 1999.

### DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO:

HERING, F.A. *Heródoto e a "nação" ateniense: uma análise crítica do processo de construção de uma ferramenta cultural*.

OLIVEIRA, J.C.M. *Um Estudo da pobreza na Antiguidade tardia por meio dos sermões e das cartas de Santo Agostinho*.

OMENA, L. *O papel de Sêneca para a construção da estabilidade de Nero em seus primeiros anos de governo*.

SILVA, G.J., *Aspectos de cultura e gênero na Arte de Amar, de Ovídio e no Satyricon, de Petrônio: representações e relações*.

### TESES DE DOUTORADO EM ANDAMENTO:

BELEBONI, R.C. *A interpretação do mito de Medusa no século XX: História, Arqueologia e Literatura Clássica*.

FEITOSA, L.M.G.C. *O Amor e a representação sexual na Pompéia romana: uma análise de inscrições parietais*.

GARRAFFONI, R.S. *Pauperes et Latrones: Representações de Delitos e Delinquentes entre as Camadas populares Romanas na Época do Império*.

### PROGRAMA ESTÁGIO DOCENTE (PED)

O Programa de Estágio Docente foi instituído na UNICAMP em 1999, com a finalidade de aprimorar a formação docente de seus alunos de Pós-Graduação. Na área de História Antiga, a doutoranda Renata S. Garraffoni participou, no primeiro semestre de 2001, como professora estagiária e, neste segundo semestre, estão participando do programa as doutorandas Renata C. Belebony e Lourdes M. G. C. Feitosa, todas em disciplinas do curso de História do IFCH.

### AGRADECIMENTOS:

Agradecemos ao Prof. Pedro Paulo A. Funari pela leitura e sugestões e a FAPESP, pelo apoio financeiro.

**Imagem da Capa:** Comunicação Global. Imagem gratuita disponível em: <http://www.morguefile.com/archive/display/910437>



[www.helade.uff.br](http://www.helade.uff.br)